

LANCELOT E A VELHA

Conto Arthuriano



Christina Nunes

Junho de 2012

*Pela ordem cronológica, deveria ter vindo, este conto, antes do já publicado em formato de e-book no Portal Recanto das Letras, intitulado **Eu Fui Lancelot** - uma história arthuriana de fundo espiritualista, inspirada nas lendas e enredos sobre o rei Arthur e seus Cavaleiros da Távola, por mim acessados ao longo dos anos.*

Nele, introduzo, no tema, uma personagem na verdade inexistente nas histórias da tradição: Alexia, que seria um surpreendente verdadeiro amor do Cavaleiro Lancelot, em lugar do romance legendário mas, a meu ver, inverossímil, entre ele e a rainha Guinevere, contado e repisado através dos séculos – como muito bem fez notar também Allan Massie, em sua versão da história do rei bretão.

Na tradição, Lancelot a ela se escraviza, a ponto de desencadear uma guerra entre Arthur e Mordred, naqueles dias nebulosos distanciados pelos tempos; de modo que, hoje ainda, consomem-se em debates improdutivos historiadores e estudiosos amadores da saga, a fim de, nalgum ponto, resolverem a problemática da veracidade da existência de todos aqueles personagens.

Como expus na primeira oportunidade, não pretendo, ou pretendi, em nenhum momento, deliberadamente desvirtuar, acrescentar, ou modificar, - configurando, talvez, alguma heresia, ante os puristas entendidos do assunto! - qualquer nuance da fascinante tradição arthuriana, que a tantos seduziu, em todas as épocas, e que a mim mesma seduz!

Meu intuito, como compraz a qualquer escritor, foi criar livremente sobre um tema pelo qual me apaixono desde há muito tempo, acessando-o através de filmes, livros, ou músicas temáticas da era new age! Assim, li a versão do Rei Arthur de Allan Massie – a meu ver, a melhor! Bem como a de Bernard Cornwell, que, - e a despeito dos louvores de muitos, e que me perdoem estes! - provocou-me, antes, forte aversão, pelo modo como, literalmente, descaracterizou personagens sagrados da saga, sob o pretexto da pesquisa histórica que supostamente lhe respalda a criatividade profícua - é certo! - mas crua!

Não perdoei, de resto, que Bernard tenha cometido o sacrilégio de desvirtuar, sobretudo, a personalidade do herói da Távola que não apenas a mim mais apaixona, mas, evidentemente, também a muitas outras aficionadas do reino de Avalon: o Cavaleiro Lancelot!

Todavia, à parte esta perspectiva, que reconheço pessoal, sei que muitos haveriam de concordar com a minha ótica de que, sob esta diretriz tradicionalista, muito mais encanta o Galahad que conquista e zela pelo Graal, de dentro do seu perfil de pureza, e o Lancelot de personalidade estranhamente contrastante entre o sombrio paganismo e o romantismo impecável do seu envolvimento ilícito e polêmico com a rainha, do que os que nos apresenta este O Rei do Inverno, de Cornwell: dois Cavaleiros, o primeiro, um intriguento da corte, e o segundo, um confesso covarde e patife!

Com a devida vênia... não!

Prefiro o Galahad idealista, e o Lancelot romântico e heróico!

Só que, agora, não apenas me contento em me deleitar com as diversas versões da lenda; mas crio, também, a minha própria, - na forma embora reduzida dos contos, - de parte do universo fascinante de Camelot!

E peço aval para introduzir esta outra personagem: Alexia - talvez mais coerente para com a realidade deste Cavaleiro contraditório que, a par do temperamento sombrio, também é capaz de se descobrir refém do sentimento amoroso fiel por uma única musa!

Mas que não seja Guinevere! Justo a rainha, a esposa daquele que, além do maior guerreiro bretão de todos os tempos, ainda comparecia como seu melhor amigo, nomeando-o o melhor de seus Cavaleiros!

Esta percepção pode ser vista por alguns como ingênua e descomprometida com o que pretendem os entendidos como a realidade maior das histórias arthurianas. Todavia, a meu ver, é inaceitável, e não condiz com o contexto generalizado da índole deste personagem – mesmo com a devida reverência ao que nos traz obras como Lancelote - O Cavaleiro da Carreta – tesouro do meu acervo arthuriano, em edição de 1994! -, de Chrétien de Troyes (1135 – 1183). Livro raro, hoje, ao ponto de constar quase que exclusivamente de bibliotecas de colecionadores, e que pontifica, como esclarecido neste trecho do comentário editorial de orelha de capa: “Lancelot celebrou-se não apenas por seus feitos heroicos mas pelo seu amor pela rainha Guinevere, esposa do rei Arthur, e suas proezas por merecê-la. É considerado o amante perfeito, aquele que não hesita em perder a vida, e até a honra, por sua amada, enquadrando-se assim no código da moral cortês que reinava nas cortes francesas do século XII ”!

Nos meus pequenos contos arthurianos abordando Lancelot como protagonista, deste modo, imprimi meu cunho particular, mantendo-o como o amante perfeito, e preservando as referências acima descritas. No entanto, modificando-o, nalgumas nuances que me parecem incoerentes na personalidade de um Cavaleiro que personificava justo este código da moral cortês - para apresentá-lo mais em acordo com tais requisitos, dos quais se pressuporia maior idoneidade, a saber, não tendo, então, ele traído justo Arthur tão torpemente! E envolvendo-se, com inteireza amorosa, antes, com uma irmã mais nova deste último, não existente nas histórias da tradição.

De acréscimo, também trago para o leitor outros personagens, como Tristan, caracterizados segundo sugestões apaixonantes de versões mais modernas - do modo como surge, a exemplo, no excelente filme de Antoine Fuqua, Rei Arthur, exibido nos cinemas de todo o mundo no ano de 2004: como um hábil espadachim que, de acréscimo, é exímio exemplar de mestre da falcoaria!

*Apresento-lhes, portanto, um novo conto, inspirado na saga de Lancelot, e passado em tempos que antecedem o enredo do já publicado **Eu Fui Lancelot**, quando os Cavaleiros já haviam retornado das batalhas de Badon Hill, e conquistado a sua liberdade junto ao domínio romano.*

Nele, a enigmática, altiva e geniosa Alexia já é uma realidade amorosa na vida do Cavaleiro, surgindo-nos com riqueza de nuances que lhe detalham melhor a personalidade quase infantil, porém enérgica! E também são apresentadas ao leitor as possíveis razões pelas quais, no conto anterior, Lancelot reaparece em pleno século XXI, reencarnado como guia turístico, e, após séculos decorridos, enfim reencontrando aquela por quem, desde aqueles tempos recuados, haveria de nutrir um amor doçado e intenso, como autêntico exemplar das versões mais apaixonantes dos romances cavaleirescos de amor eterno!

Christina Nunes

Rio de Janeiro, 18 de junho de 2012

I

Na Noite Brumosa

Algum lugar ao norte da Inglaterra. Século VI.

Abre-se com um tranco a porta de uma taberna barulhenta, às margens da estrada mergulhada na escuridão fechada de uma noite que prometia aguaceiros para breve. Os fortes relâmpagos tinham espantado três Cavaleiros, em cavalgada de retorno para Camelot, para o estabelecimento de aparência algo sórdida, em busca de abrigo.

Os circunstantes diminuem espontaneamente o volume do barulho, à sua entrada intempestiva, interrompendo-se em seus assuntos, atraídos pela aparência vistosa de seus trajes militares. E, por detrás do balcão de recepção, entre atento e receoso, o taberneiro espia, detidamente. Adivinhava com facilidade a identidade ilustre dos visitantes, mas não os seus nomes. Afinal, falava-se dos Cavaleiros de Arthur por toda a Bretanha. Mas não acontecia a toda hora de algum entrar na sua taberna tosca, para qualquer finalidade que fosse.

Na verdade, tratava-se de Tristan, Galahad e Lancelot.

Dois meses antes, haviam partido, às ordens de Arthur, para cumprir determinada missão de espionagem, a pretexto de prognósticos ameaçadores da paz na Bretanha, da parte das atitudes políticas de Mordred. Com poucos resultados satisfatórios de suas observações, no entanto, agora retornavam para os informes, e posteriores decisões do chefe bretão e líder da Irmandade. Mas os relâmpagos e a repentina chuva de raios que rasgavam os céus, sob trovões ensurdecedores, num crescendo, os acossaram a acelerar o galope para se abrigarem no primeiro refúgio que encontrassem no percurso. E, embora não lhes tivesse agradado o aspecto espúrio do lugar, não tiveram alternativa. Apeararam, e jogaram as rédeas a um cavalição de plantão que, em lhes reconhecendo as insígnias nobres, encurvou-se de pronto, obediente.

Então, sob comentários de desagrado vindos principalmente de Lancelot, entraram com vagar no ambiente ruidoso e tumultuado, esbatido pela claridade fosca de archotes fumacentos.

Em verdade, mais do que desagrado, o mestre de armas da Irmandade experimentava um mau pressentimento insistente, ao ganharem os domínios daquele local perdido nas extensões desertas daquele trecho do norte da Bretanha.

- Relaxe, Lancelot! – Riu-se Galahad, com alguma pilhéria, examinando os arredores com olhar astuto e percuciente, enquanto avançavam por entre o movimento intenso da adega como a faca cortando a manteiga, sem retenções dos circunstantes que, entre temerosos e respeitosos, arredavam-se espontaneamente de seu caminho. E espanaram os excessos de água do colete da armadura – Quando não, um vinho ordinário, que nos servirá para aquecer as entranhas... desde que mantenhemos a mão no bocal da espada, por precaução!... – Avisou o mais jovem daqueles três exaustos Cavaleiros sármatas.

Tristan permanecia silencioso, o olhar aguçado, de um verde fosco, percorrendo a reduzida multidão se agitando por ali, com serenidade, como era de seu feitio de lidador de falcões costumaz. Mas Lancelot continuava se sentindo positivamente inquieto, fiscalizando em torno, quando ganharam uma mesa tosca, acomodando-se em volta dela. Especialmente quando reparou na cena inusitada de uma velha de aparência decrépita olhando-o atentamente, sentada num ângulo sombrio do balcão de serviços, há poucos passos dali.

Suspirou, gesticulando e comentando para os outros dois:

- Desde que entramos, aquela velha taciturna não desprega os olhos de mim!

Até Tristan, a isso, descontraíu-se mais, esboçando um sorriso de pilhéria, sob os efeitos de outra risada, desta vez franca, partida de Galahad. Mas Lancelot não via na situação motivos para hilaridade, e permaneceu de disposição sombria, devolvendo o olhar enigmático da personagem à distância com um ar ameaçador.

- Vê, Tristan?! No que deram os dois meses longe de Camelot?! O último episódio com Lancelot, antes de partirmos, foi uma briga horrível entre ele e Alexia, o seu grande amor! E agora, longe dos suspiros da donzela, que de resto disse-lhe boas na hora de nossa partida, transtornada por ciúmes,

nosso Cavaleiro está irritado com uma velhinha inocente que, de onde está, o observa, talvez que reconhecendo-o de algum lugar! Afinal... – Gesticulou – És famoso em toda a Bretanha, *milord!*

- Por mais de uma razão!... – Tristan insinuou, malicioso, concedendo com a ironia irreverente do outro, também na intenção de amenizar o mal-estar de uma situação que reconhecia pouco confortável para todos os três.

O taberneiro se aproximou, servindo-os, de cara amarrada. Exalava um odor forte de couro misturado a amêndoas estragadas, e nada disse, retornando logo aos seus afazeres.

Todavia, antes que o agora contrariado Lancelot respondesse às provocações de Galahad, para forte surpresa de todos três, uma voz esganiçada elevou-se do tumulto e se fez ouvir, próxima dali, enquanto a velha se levantava e, a passos algo trôpegos, adiantava-se na direção da mesa, com um gesto a esmo e destituído de lógica.

- Ah, olhe lá! Por São Calixto! Cavaleiro, tu és de molde a enfurecer qualquer mulher! Olá!! – E parou, bradando irritada, agora inclinando-se diretamente para o estupefato mestre de armas, ante a perplexidade dos outros dois, a observar a cena entre o estupor e a ironia – Que fazes aqui?! Olha, que mais de trezentos anos... muito mais, Cavaleiro, haverão de passar, até que te livres da maldição de não vê-la mais! *Olé!!*

E agora a velha indefinível e carcomida casquinava, balançando os ombros enquanto ria de maneira um tanto maligna, olhando direta e despudoradamente para o guerreiro momentaneamente destituído de iniciativas adequadas.

- Saia daqui, velha!! És louca?! – Lancelot afinal conseguiu romper em si mesmo a barreira do aturdimento, balançando a mão na direção da mulher como quem espanta uma abelha que lhe azucrinasse.

Depois, dominado por aborrecimento indisfarçável, deu-lhe as costas; mas a velha não desistiu de falar, nem se deixou espantar pelo gesto ameaçador do rapaz, como ele queria. Encurvou-se ainda mais, renteando-lhe quase ao ouvido, e provocando-lhe, com esta atitude, um movimento para o lado, de forte repulsa.

- Belo Lancelot! – Murmurou - Tu atraís fácil, como o mel atraí as moscas! Mas isto não te sacia, assim como o vinho não sacia nunca a sede! E tu enfastias e exasperas justo aquela que não é a tua inimiga, como imaginas! – E, desfechando outra risada repugnante no pé do seu ouvido, inclinando-se ainda mais, à medida em que ele, quase caindo da cadeira, se arredava num impulso, agora francamente encolerizado, arrematou os dizeres enigmáticos – *Tolo que és!* Bravo Cavaleiro, tu não terás sossego no coração por exatos mil e duzentos anos! *Tolo! Tolo!!* Quiá, quiá!!!...

- *Bruxa!!* – Arremeteu o guerreiro, passando da palidez ao forte rubor nas faces, e derrubando no chão, num trompasso, a bebida que tomava, que caiu, espatifando-se no piso – Se não te acerto com a adaga, é porque és uma velha decrépita! Por que me atormentas, feiticeira?! – Bradou, agressivamente, e, ante a estupefação agora compartilhada entre Galahad e o atento Tristan, olhava para a velha, de pé, fulminando-a com o magnetismo ferrenho de seu olhar escuro de falcão.

Mas, apenas e ainda proferindo a sua risadinha casquinenta, a velhinha misteriosa arrastou de volta os seus passos lentos para o recanto escuro do balcão onde antes se abrigava, sorvendo o seu hidro mel, e deslizando no piso escuro e sujo as saias longas e quase esfarrapadas.

Notando o silêncio unânime no qual havia se quedado toda a cantina, ante a ligeira ameaça de tumulto, Lancelot agora disparava para os outros dois Cavaleiros, que não sabiam ainda o que comentar do episódio:

- Falei que a nossa vinda para cá era agourenta! E agora?! Como lido com isto?! – Perguntou, indicando com um meneio rude a estranha figura recolhida ao seu nicho da taberna, agora quieta – Olha lá, Tristan! A megera continua me olhando, não continua?!

Tristan alongou os olhos pelo ambiente, e fez que sim; mas anotou, talvez na intenção de sossegar o caldeirão esfervilhante que estava o íntimo do outro.

- Sabes, Lancelot? É apenas uma velha demente! Por que isto te abala tanto?

- Não me abala tanto a velha, mas o que se deu ao trabalho de vir até aqui me dizer! – Rebateu o outro, pedindo do taberneiro outra caneca com bebida, num gesto impaciente – Que diabos ela quis dizer com isso, afinal?!

- Ora, Lancelot, tu, um pagão por vocação, te impressionas com profecias sem sentido?! – Zombou Galahad. Mas Tristan se antecipou à resposta precipitada que o outro já devolvia, comentando.

- Ele se impressiona porque, por mais estranho que seja, a “profecia” da velha lhe fez um certo sentido!

- Agora *tu* dás mostras de demência! – Lancelot largou um riso seco, embora o tom de voz soasse inseguro – Que “certo sentido”, Tristan?! A que te referes?

- Tu tiveste uma briga com Alexia antes de partirmos! Galahad havia acabado de falar a respeito!

- E o que tem uma coisa a ver com a outra?!

- Ora... – Lembrou Tristan, com um risinho contido – “*Tu enfastias e exasperas justo aquela que não é tua inimiga*”! Não associas tais palavras ao que te aconteceu?

- Não enfastiei nem exasperei ninguém! Alexia é ciumenta!

- Bem, nenhum de nós está em posição de condenar-te por isto, Lancelot, mas, da ótica dela, admitamos que as estórias que se espalham por aí envolvendo o teu nome e o de Guinevere enlouqueceriam qualquer amante!

Um trovão ribombou lá fora, estremecendo tudo, e o aguaceiro se intensificou. Um vento forte invadiu o ambiente da taberna, soprando os archotes, que tremularam, e o taberneiro voltou, entregando ao principal Cavaleiro da Távola outra caneca cheia com vinho, da qual ele bebeu metade de um só gole.

- Alexia *não é minha amante*, Galahad! Que dizes?! Ela é a irmã de Arthur! – Rebateu Lancelot, no auge da impaciência.

- E tu estás envolvido com ela! Não está?! Desde que voltamos de Badon Hill! – Galahad brandiu sua bebida, com ênfase – Ora, a Bretanha inteira já está sabendo disso! E no entanto, persistem os boatos sobre a tua ligação com Guinevere, que, claro, atingem com facilidade os ouvidos dela! E, para piorar, tu persistes nesta mania de te abandonares a brincadeiras, gabando-te de teres feito filhos nas mulheres de Bors e de Gawain!

Lancelot relanceou no outro Cavaleiro um olhar de enfado e de censura. Tristan, a esta altura, apenas ouvia a conversa, atento também ao barulho crescente da tempestade lá fora, e tecendo cogitações de outra ordem.

- Seria bom que tu parasses de falar deste jeito, Galahad! Não tenho mais nenhum envolvimento com Guinevere! E o que sinto por Alexia data quase que da infância! Tu podes não acreditar! Mas eu a respeito! – Enfatizou.

- Sei... Não tens mais nada com Guinevere... – Provocou Galahad, com entonação francamente cética, bebendo outro gole – Desde quando?

- Desde que reencontrei Alexia!... – Respondeu ele, alteando a voz dominada por crescente irritação.

Galahad gesticulou a propósito, voltando a rir.

- Calma, *milord!* Tomara que seja assim mesmo, inclusive porque agora Guinevere é mulher de Arthur e isto te evitará encrencas! E desejo-lhe sorte! Porque, acho que sabes, Alexia é arqueira exímia, treinada por tu mesmo, desde há muito tempo atrás! E tem um temperamento genioso e altivo... digno de uma familiar de Arthur!...

Mas os três tornaram a se surpreender quando a velhinha exótica voltou a se manifestar, interrompendo-os inesperadamente, de onde estava – ainda olhando fixamente para o mestre de armas da Távola Redonda.

- Dezesseis séculos!! *Dezesseis séculos, milord*, é o que terás de esperar!! *Faça alguma coisa a tempo!* É o que te digo!! – Bradou, batendo a mão encarquilhada no balcão.

- E de onde esta velha conhece o meu nome?! – Lancelot relanceou-lhe de longe os olhos esquivos, sem conseguir esconder sua aversão, virando o restante do vinho e limpando a boca na manga da roupa, como se especulasse consigo mesmo; mas, antes que Galahad respondesse, ou ele pudesse dizer mais alguma coisa, Tristan, agora distraído, comentou, desviando de abrupto o assunto:

- Sabem? É bem conveniente que pernoitemos aqui! Não há a mínima condição de prosseguirmos viagem, a estrada lá fora deve ter se tornado num rio!

- Não dormirei neste pardieiro! E, de resto, tendo que passar a noite sob o olhar desta velha agourenta, Tristan! – Reclamou Lancelot.

- Tu sabes que não podemos sair daqui assim! – Argumentou Galahad, mais sério, meneando.

- Pois vou dormir no estábulo, junto com os cavalos!... – Teimou o outro, decidido, e levantou-se.

Lancelot prometeu e fez. Os outros dois Cavaleiros beberam mais um pouco, trocando comentários zombeteiros sobre o último episódio insólito e o mau humor do companheiro. E recolheram-se mais tarde, quando o temporal já declinava, nas acomodações precárias daquele estabelecimento tosco de beira de estrada.

Ж

Lancelot procurou pelo lugar onde o cavaliço abrigara seu cavalo e, no silêncio profundo do estábulo, acomodou-se num amontoado de feno, próximo de onde se achava o seu manga larga negro.

A chuva ainda caía com força, estrondando no piso esbatido de terra e sujeira dos arredores do estabelecimento, mas, a despeito da cansaça, e da vontade sincera de esquecer o seu aborrecimento e dormir, entregando-se aos efeitos inegáveis do esgotamento da viagem ininterrupta a galope durante mais de cinco horas, não conseguiu pregar o olho, nem mesmo por cinco minutos! E aquilo agravava, de hora para hora, a sua irritação, porque via a madrugada avançar, e entendia que não dormiria.

Imaginava que de há muito Galahad e Tristan já deveriam rressonar, metidos nalguma toca daquela taberna ordinária, dada a ausência progressiva do ruído dos frequentadores que se ausentavam, à medida que a noite avançava. Mas, ao invés do espírito render-se à força da exaustão física, a mente, de seu lado, não lhe permitia relaxar, tagarelando e negando-lhe descanso.

Cenas da ingrata briga com Alexia, recorrentes aos seus pensamentos durante o decorrer de todos os últimos dois meses, insistiam em subir-lhe à mente revolucionada e inquieta. E, somando-se a isto, para agravar o seu estado de martírio interior, a voz torturante da velhinha ressoava-lhe aos ouvidos, ecoando com exasperante insistência:

- Dezesseis séculos!! Dezesseis séculos, eis o que terás que esperar!... Que fazes aqui?!... Tu atrás com facilidade, mas isto não te sacia!... Tolo! Tolo!!! Quia, quia!...

Mudava de posição sobre o feno. Maldizia-se. Ocorria-lhe, ao mesmo tempo, aos pensamentos atormentados, acerca da inutilidade quase completa daquela viagem a três, ordenada por Arthur para sondagem das iniciativas de Mordred; coisa que, no final das contas, de nenhuma ajuda se mostrou para os impasses políticos da Bretanha. E ainda o afastou de Camelot no pior momento possível: na hora justa de um desentendimento sério com a única mulher por quem, de fato, - e ao contrário do que rezavam os boatos acerca de Guinervere! - se dignava nutrir sentimento amoroso intenso quanto verdadeiro!

Virava-se novamente sobre o feno. Mentalmente, vociferava impropérios à velha aziaga que deparara no começo da noite. E os pensamentos voltavam, como num círculo vicioso, à Camelot e a Alexia. Ao que se disseram, na hora da última briga, justo quando, apesar de tudo com espírito conciliador, se aproximara dela com a intenção de selar as pazes, a fim de viajar em paz.

Achando que também ela já se encontrava mais serena após a última desavença, na esperança de que baixasse a guarda, ao menos naquele instante de despedida e de separação temporária entre ambos, acercou-se, quando a avistou reclinada sobre um poço, de onde se esforçava por retirar um balde pesado, cheio com água, nos jardins fronteiros ao castelo.

Abraçou-a por trás, enlaçando-a arduosamente, como era seu hábito, e tentou auxiliá-la com o peso. Mas, ao contrário do que esperaria, Alexia se assustou horrivelmente. E, quando a atraiu, impetuoso, tentando beijá-la na boca com forte ardência, ficou em choque ao ser empurrado com um tranco, recebendo uma bofetada e, em seguida, o balde com água, em cheio sobre o rosto!

- Tratante!! Patife!! Tu não te fartas de brincar comigo?!! Quando te cansarás de abusar da minha boa fé e credulidade na tua palavra?!!...

Preso da inércia paralisante do primeiro momento, ao passo que sentia crescer em si a irritação, por se dar conta de que a cena era presenciada por pelo menos três dos Cavaleiros da Irmandade, parados à distância e interrompendo uma conversa para observar o que acontecia, ele encarou Alexia, a mente rescaldando em brasas. E enfim a viu, dando-lhe a frente, rubra, positivamente possessa, a segurar ainda o balde vazio na mão trêmula.

Sua reação inusitada, todavia, só fez agravar a situação difícil!

De um impulso brusco, tornou a agarrá-la, impetuosamente. Usou de sua superioridade física para arrancar-lhe da mão o balde, num tranco, e atirá-lo longe, espatifando-o de encontro a um muro próximo. Ato contínuo, e ante o autêntico estupor da jovem, a enlaçou rudemente, agarrando-a pelos cabelos, e apertando-lhe a boca num beijo agressivo que praticamente a sufocou, durante vários instantes.

Alexia esperneou, estapeou-o, inutilmente!

Quando, enfim, e saciado no seu acesso raivoso, a soltou, distanciando-a, percebeu que chorava, as lágrimas grossas lavando-lhe o rosto alvo, delicado, e descomposto pelo desgosto.

- *Como ousas me tratar assim?! – Ela bradou, desesperada - Enganas-me torpemente com palavras mentirosas, para que toda a Bretanha saiba do meu opróbio, quando depois comentas o teu envolvimento com Guinevere! Enganas a mim, Lancelot! A irmã de Arthur!! E depois, te atreves a vir até aqui, ainda acreditando que podes abordar-me deste jeito vil?!!*

- Mas... a que palavras mentirosas te referes, Alexia?!! Andas dando ouvidos a fofocas?!! E a qual envolvimento com Guinevere aludes?!!...

- *Cala-te!! - Berrou-lhe a moça, todavia, cortando-o furiosamente, e entregue a escandaloso e desesperado acesso de soluços - Falso!! Mentiroso!! Tu és um pagão ímpio!!*

Gritou, e correu de volta para o interior do castelo, antes que o Cavaleiro, atônito, pudesse tomar mais qualquer outra atitude.

Lancelot, deitado sobre o feno a revirar-se, insone, lembrava aquelas coisas que já recordara dezenas de vezes desde que se ausentara de Camelot. Atormentava-o, de outra sorte, o pensamento sobre o que poderia estar pensando Arthur a seu respeito, se porventura desse ouvidos às acusações chorosas, mas naquele caso infundadas, da irmã caçula.

E a voz da velhinha decrépita se misturava a tudo, insistente, prevenindo-o, torturando-o:

- *Dezesseis séculos!!!... Que fazes aqui?!... Exasperas justo a que não é tua inimiga!...*

- Diabos!! Não exasperei ninguém! *Eu te amo, Alexia!! – Meio ensandecido pelo sono insatisfeito, pelo cansaço e pela frustração, ele rolou mais uma vez, abrindo, num gesto impulsivo, a gola alta do colete que o sufocava.*

Quando moveu-se para fazê-lo, suarento, involuntariamente gritou, arrastando-se, em choque, para cima do amontoado de feno.

O vulto da velhinha da taberna ali estava, próximo a ele, como espectro sombrio, espreitando-o, em silêncio.

Julgou ouvir o risinho maléfico com que ela reagiu ao supremo espanto do seu reconhecimento súbito. E vociferou, quase enlouquecido, a mente divagando:

- *Que fazes aqui, feiticeira?!! Deixa-me!! És um fantasma, uma assombração, para perseguir-me desta forma obstinada?!!... – Atacou, a voz roufenha mal escapando-se de sua garganta.*

O Cavaleiro mais audaz de Arthur nunca temera as mais sangrentas batalhas, ou um inimigo ferrenho. Todavia, aquele espectro inexplicável, surgindo de abrupto em meio a uma madrugada tempestuosa na qual se achava abrigado numa adega sórdida perdida nas extensões silenciosas da Bretanha, mostrava-se capaz de roubar-lhe o sangue frio e o tirocínio para reagir com coerência!

- Não sou assombração, Cavaleiro! Apenas aproveito o tempo da tua permanência aqui para alertar-te! E, se fores esperto, haverás de aproveitar o meu conselho! – A voz dela ressoou, quase sussurrada, pairando na escuridão silente do estábulo. E Lancelot julgou ver, em meio às sombras quase fechadas do lugar, a mulher decrépita apontando-lhe o dedo encarquilhado, em advertência.

- *Não a exasperes mais, Cavaleiro! Porque, de qualquer maneira, o teu destino está selado! Serão dezesseis séculos, até que possas vê-la de novo!... – Preveniu.*

E, para seu maior estarcimento, do mesmo modo instantâneo e insólito como fizera perceber sua presença nas sombras, esvaiu-se-lhe de seu campo de visão, na escuridão densa e pesada do interior do estábulo, deixando-o agora lívido, resfolegante, incerto sobre ter se tratado o episódio de realidade, ou de algum delírio malsão, desencadeado pelo cansaço extremo de sua mente febril.

Correram as horas restantes da madrugada gélida, com a chuva aos poucos amainando lá fora.

Quando o principal Cavaleiro da Corte de Arthur novamente se deu conta de si, reabria os olhos com o dia quase que completamente claro, com um sol tímido elevando-se nos céus por sob fiapos longos e brancos de nuvens espalhando-se nos horizontes, como se velando precariamente a Bretanha da influência benéfica do calor de seus raios.

Lancelot sentou-se, de um impulso, e esfregou um pouco os olhos, tonto.

Olhou em volta.

Compreendeu que nalgum momento afinal adormecera, sem perceber. Mas em qual momento isto se dera, não saberia dizer; nem se fora antes ou depois da visão terrificante da velha agourenta assombrando-o, mesmo no seu refúgio do estábulo, sob o silêncio profundo da madrugada.

O guerreiro procurou recobrar o brio. Recompôs-se. Afugentou para longe dos pensamentos as imagens deprimentes da noite anterior, agora que se sentia pelo menos um pouco mais fortalecido, e procurou água de um reservatório próximo ao estábulo, sujo e mal conservado, para lavar-se e acabar de despertar.

Alcançando-o, deparou Galahad fazendo o mesmo.

- Oh, olá! Bom dia, *milord!* Julguei que tivesses deixado a taberna e fugido para Camelot, mesmo debaixo daquela chuvarada! A velha profetiza o apavorou, não foi mesmo? – Perguntou, com sua eterna irreverência. Mas Lancelot não queria mais falar daquilo.

- Esqueçamos aquela velha, Galahad! Foi uma assombração ruim que me atormentou um pouco, mas já foi embora! – E olhou-o, desassombrado, contando, apenas para encerrar o assunto – Imagine que foi parar dentro do estábulo durante a madrugada, para novamente amolar-me! – Ele meneou – De fato, deveria ser louca!

- Ou, de fato, uma assombração!... – Interpelou outra voz, de alguém que se juntava a eles.

Era Tristan, arregaçando os punhos de sua túnica para também molhar-se; mas o outro apenas relanceou-lhe um olhar quase inexpressivo, rapidamente, voltando a se concentrar na água fria que jogava no próprio rosto, esfregando-o.

De fato, o retorno da luz intensa do dia devolvia ao mestre de armas o seu frio equilíbrio íntimo habitual.

- Isto não me interessa mais para nada, Tristan! Passemos a outros assuntos, temos muito com que nos preocupar!

Mas Tristan quis sustentar a conversa, desviando-a para um rumo estranho, que acendeu no olhar do outro um brilho fugidio.

- Já ouviste falar em *inishs*, Lancelot?

O Cavaleiro devolveu um riso sarcástico, mas preso.

- De que falas?!...

- De espíritos malignos! Surgem assim, inesperadamente, e em carne e osso, como surgiu esta velha ontem! – E Tristan arrematou, fixando-o de um jeito que deixou clara a seriedade que apesar de tudo emprestava ao que dizia – De fato, como uma maldição! São agourentos! Atacam viajantes, ou dizem estas coisas misteriosas... e somem! Só muito mais tarde, às vezes, o alvo de suas visitas entende o significado do que vaticinaram!

Ouvindo-o, Galahad silenciou, pensativo, e abandonando a expressão até então zombeteira com que acompanhava o que o outro dizia. Mas Lancelot, sempre cético, recusou-se a interpretar o episódio segundo a ótica que Tristan sugeria para a situação.

- *Inishs!*... – Riu-se, incrédulo, abanando a cabeça – Ora, Tristan! Por favor! Somos Cavaleiros, e sármatas! De onde retirou estas histórias?!

- De *fatos*, Lancelot! Observados e ouvidos de algumas pessoas confiáveis, em viagens pelo mundo! Eles existem! E o teu deboche pagão não tornará isto uma irreabilidade! Além do mais, - Ele aduziu, espraçando os olhos semicerrados pelas extensões dos céus banhados por uma claridade quase incômoda, observando ao longe um falcão descrevendo um vôo circular - ... é útil que consideres melhor, em outra hora, o que te disse esta velha; pois, como comentei ontem, guarda uma grande e inegável semelhança com o que anda acontecendo entre ti e a irmã de Arthur! Afinal,... – Arrematou o lidador de falcões, em tom avisado, olhando-o – Trata-se de *Alexia!* E sabes a respeito das coisas estranhas relacionadas a ela que se comentam, em toda Camelot!

- Cuida do que pensas e falas sobre Alexia, Tristan! – Advertiu Lancelot, àquilo, começando a se impacientar de novo – Lembre-se de que ela é, certamente, a única mulher que um dia pode me demover à ideia séria de um casamento!

Tristan apenas consentiu, sereno como sempre, com um meneio e um sorriso cortês, vendo Lancelot voltar-se e sair para buscar seu cavalo.

- Como queira, *milord!* Não tive a intenção!...

Depois, entreolhou-se com o agora sério Galahad, trocando com ele um entendimento mudo.

Na ocasião da chegada de viagem dos três Cavaleiros, Camelot achava-se entregue aos festejos da Lua do Carvalho – talvez os mais importantes e significativos do ano, dentre os cultuados, naqueles tempos, pelas tradições celtas.

Comemorava-se, assim, renascimento, renovação e vida, em conformidade com os ritmos das estações do ano, e toda pessoa devotada à correção de atitudes, sentimentos e pensamentos procurava demonstrar, pelo menos demovida pela euforia habitual daquelas ocasiões, agir na vida obedecendo tais preceitos.

Assim, durante períodos do dia, e sobretudo as noites eram pontilhadas de fogueiras espalhadas nos agrupamentos humanos campestres ou citadinos. Alimentos especiais e odorosos eram preparados pelas mulheres, e os homens traziam da caça iguarias especiais. Nas festas, músicas álates, em agrupamentos iluminados e decorados por profusão de flores, que também enfeitavam os vestidos das jovens que bailavam alegremente em danças marcadas por coreografias graciosas e bem conhecidas de todas, desde a infância.

Para gáudio dos três guerreiros, deste modo, foi justo no horário de um destes momentos felizes e acolhedores que, a trote lento, deram entrada de volta nos domínios do reino. Avistaram a movimentação festiva para todos os lados que olhavam. O ir e vir do povo, dos preparativos, e as comemorações que já aconteciam.

Ganhando o ambiente dos pátios, onde cavaleiros de plantão correram para saudá-los e auxiliá-los com os cavalos, puderam ver a claridade profusa provinda de pouca distância, onde seguia um núcleo destas festividades já em pleno curso. E, experimentando inegável bem-estar, após o período de viagem ingrato e exaustivo, os Cavaleiros imediatamente sentiram-se atraídos pelo aglomerado de convivas do principal ponto para onde convergiam os participantes dos festejos da data mais próximos de Arthur, onde certamente o reencontrariam.

Trocando comentários entre aliviados e entusiasmados pelas perspectivas das próximas horas, dirigiram-se, em conversa, até a movimentação intensa da área externa do castelo, extraordinariamente enfeitada e animada por música executada com os instrumentos próprios da época, acompanhando, naquele instante, a dança graciososa de várias jovens, arrumadas e vestidas com grande beleza. Tinham flores enfeitando os vestidos leves e os longos cabelos acobreados ou da cor do trigo, soltos encantadoramente por sobre os ombros, ao movimento de seus gestos delicados, enquanto bailavam, em sorrisos, para lá e para cá, em torno de uma grandiosa e ornamentada fogueira acesa situada diante do palanque alto onde se achavam Arthur, Guinevere, Merlin, e vários de seus pares mais próximos.

Fazia frio intenso, que todavia não incomodava, e a lua cheia elevava-se, esplendorosa, nos céus escuros e esfarinhados de estrelas.

Entre as dançarinas, e o que, em sendo notado, de pronto fez Lancelot estacar, hipnotizado, via-se a naquele momento alegre e sorridente Alexia, trocando passos de dança com outra jovem de sua maior amizade.

Ignorando ainda e completamente a chegada dos guerreiros da Irmandade, e mesmo naquele minuto esquecida da existência do Cavaleiro que mais lhe dizia ao coração, ela bailava, arejada e feliz, os cabelos cor de trigo esvoaçando aos movimentos rodopiantes da dança lenta e graciososa, o olhar azul cristalino atento ao momento grato, inteiramente entregue ao espírito benéfico da ocasião.

Até que, em dado momento, quase ao mesmo tempo em que findava a dança e Lancelot estacava, preso de irresistível fascínio ao percebê-la, ela também parou, sem ação, notando-o.

Presa de maneira inevitável ao magnetismo forte do olhar dele, instintivamente Alexia modificou, de abrupto, a expressão fisionômica. Nela via-se, indisfarçável, um rubor intenso, denunciando a mistura indefinível de um estado de angústia intensa, com alegria suprema e clara ao revê-lo. Mas, logo ela recompôs-se, e, despedindo-se momentaneamente de Angys, a parceira de dança, correu, apressada, para perto de Arthur, arrepanhando os panos do vestido claro de tecidos leves.

Os Cavaleiros, a seu turno, em observando os efeitos imediatos quanto perturbadores daquele reencontro inusitado entre o mestre de armas e o alvo de seus sentimentos, respeitosos, afastaram-se

também, na mesma direção para onde correria Alexia. Trocavam comentários bem-humorados entre si, e pretendiam saudar, em primeiro lugar, o amigo e líder bretão, prestando-lhe os primeiros informes da viagem.

Via-se que divertiam-se com o acontecimento que de cara defrontava Lancelot; mas este, de seu lado, embora cauteloso, e após alguma hesitação, já seguro, encaminhou também os passos até o seu amigo e chefe militar, aproveitando-se do intervalo propício nos números musicais dos festejos.

Vendo-os, Arthur, prazeroso, de imediato empertigou-se, adiantando-se para recebe-los.

Cumprimentou Galahad e Tristan, que os alcançaram em primeiro, trocando com eles palavras cordiais. E, por último, o apesar de tudo ressabiado Lancelot, constrangido tanto pelos seus receios dos últimos meses sobre as considerações de Arthur acerca de suas diferenças com Alexia, quanto também pela presença agora solene, e aparentemente distraída de sua chegada, de Guinevere, entretida por ali com palavras que trocava em surdina com Merlin.

O mestre de armas, entre sério e altivo, trocou um olhar com o também altaneiro Arthur.

Não obstante os seus pruridos, contudo, este último, surpreendentemente, mostrou-se alheio a qualquer disposição modificada no seu estado de espírito em função dos fantasmas que assombravam o íntimo do reputado melhor Cavaleiro da Távola.

Ele estendeu a mão para Lancelot. Naturalmente, num primeiro momento este ficou aliviado com aquela calma inicial, que o reconfortava quanto às suas maiores inquietações nutridas em relação ao seu retorno.

- *Milord!* Folgo por revê-los de volta, bem e saudáveis! Juntem-se a nós nas festividades, chegaram em momento melhor impossível! Depois, trataremos dos assuntos sérios!...

Lancelot devolveu-lhe as palavras amáveis, demonstrando satisfação sincera. Mesmo assim, não conseguia disfarçar que não se achava inteiramente à vontade na situação, devido às presenças próximas das duas mulheres que, no enredo de sua vida, vinham ocupando os assuntos de Camelot de maneira tanto picante quanto preferencial nos últimos tempos.

Por inclinação natural, ele preferiu sufocar em si aquelas impressões inconvenientes, para se deter primeiro nos cumprimentos obrigatórios que lhe cabiam à primeira delas.

Acercou-se do assento recuado onde Alexia aparentemente buscava se fazer o mais incógnita possível, por detrás da movimentação intensa do palanque onde se viam também outros Cavaleiros e damas, e, cuidadoso por antecipação do que diria naquele reencontro tenso, a cumprimentou. Não sem poder se furtar a esboçar um sorriso ambíguo ao fazê-lo, entre apaixonado, visivelmente saudoso, e irônico.

- *Milady!* Que boa coisa, logo ao meu retorno, revê-la nesta disposição grata de espírito de há pouco, bailando lindamente nos festejos da Lua do Carvalho! – E como ela de pronto se levantasse, altiva, como lhe era natural, sem se recusar olhá-lo diretamente dentro dos olhos, completou, em surdina, aproveitando-se da proximidade excessiva com que se mediam – Isto, porventura, sugere-me a expectativa feliz de entender-me contigo, noutro momento mais adequado, e de maneira mais satisfatória do que nos aconteceu, quando parti em viagem!

- Posso entender-me contigo de maneira feliz a qualquer momento, *milord...* Em dependendo sempre do assunto! – Alexia devolveu na mesma hora, sem pestanejar, e aparentemente ignorando o sorriso insinuante com que ele, de caso pensado, ainda a fixava com o olhar brilhoso e aquilino, e com o semblante entre carinhoso e malicioso, que ela sequer retribuiu – Para o momento, repito os teus cumprimentos, também prazerosa, como meu irmão, de vê-los de volta gozando de boa saúde! Com a tua licença!...

Saiu, apressada, em busca da companhia das demais jovens que compunham seu grupo de dança, pois em breve novamente se apresentariam, e isto lhe compareceu como pretexto excelente para adiar um entendimento que, contraditoriamente, desejava com ardência, tanto quanto o temia, em igual medida.

Passou renteando o Cavaleiro que, rendido, subjugado, disfarçadamente não resistiu em lhe pegar com ternura nos longos cabelos soltos, que ela puxou com um meneio firme, escapando-se-lhe rapidamente, e sumindo na movimentação adiante como fada esquiva.

Lancelot, a isso, procurou afugentar para outro momento mais adequado a sua ansiedade, e voltar sua atenção para o momento presente, ali, entre seus pares, e para Arthur, que agora o convocava a entendimentos mais íntimos enquanto convidava-o, com os outros, a ocupar lugares que o rodeavam.

O mestre de armas atendeu-o, sem demora; e limitou-se, por outro lado, a prudentemente resvalar de leve os olhos na ainda calada Guinevere, sentada ali por perto, agora a medi-lo com uma expressão enigmática na qual não soube detectar com precisão talvez que a mais fria indiferença, ou alguma curiosidade mesclada a acerba zombaria.

Distante dali, e nada embora monitorada de longe pelo mestre de armas com impertinente insistência, refletida no seu olhar indisfarçadamente tomado por forte paixão, e velado pelas sombras noturnas, Alexia, agora ofegante, enrubescida, afinal juntou-se a algumas donzelas de seu conhecimento, naquele instante recebendo cuidados e instruções de Prachna.

Era, a senhora austera, a sua tutora particular, que, em vendo-a chegar daquele jeito visivelmente atarantado, deteve a sua conversa com as demais para atraí-la de lado, e dizer-lhe logo, advertindo.

- Tuas faces rescaldam, só de saber da presença de *Sir* Lancelot, Alexia! Cuida das tuas reações, que são próprias de mulheres do populacho, mas não de ti, irmã do atual soberano da Bretanha!

E apunha-lhe na frente quase febril o lenço embebido em essência de aromas das rosas, a fim de desanuviá-lo convenientemente.

Estimava a moça a conta de filha, desde que lhe fora confiada há muito tempo por Arthur, na ocasião já recuada das batalhas travadas em defesa dos domínios romanos naquelas terras. E, mulher velha e experiente, conhecia tudo – ou quase tudo - do que repercutia no interior imaturo, mas orgulhoso, da irmã caçula do chefe bretão! Assim, sabia-a relutantemente escravizada a um amor supremo por Lancelot, embora a arrogância natural do seu temperamento a conservasse a salvo de possíveis e maiores desvarios da idade, motivados por este sentimento. Seu trabalho, então, - e conhecendo na jovem outros pormenores incomuns, de posse apenas da sua ciência, - era reforçar, com conselhos, os efeitos daquela altivez herdada da família de Arthur, sabedora também que era do que existia de confiável no sentimento obcecado que lhe devotava o principal Cavaleiro da Irmandade.

Não estava disposta a ver Alexia ceder com facilidade, rendida, ao curso impetuoso daquele envolvimento, já que, vivida, sabia também de todos os mexericos, com ou sem fundamentos, a respeito do caso imprudente havido há tempos entre o guerreiro e a atual mulher do líder bretão. Assim, aconselhou-a daquele modo imediato, depois de testemunhar de longe o reencontro fugidivo acontecido entre o casal no palanque, onde, por outra, também notava Lancelot olhando com insistência incontida para a moça.

- Bem sabes, Prachna! Tive horrível desentendimento com Lancelot há meses, quando ele foi embora com os outros! – A jovem ainda ofegava, e agora dava mostras claras na fisionomia descomposta de que também sofria com o forte dilema íntimo que a flagelava – Não queria ter reagido daquela forma violenta, mas não pude suportar quieta o contato das mãos e dos beijos dele, depois de ouvir o que andei ouvindo antes, sobre o seu envolvimento com a despudorada da Guinevere! E Lancelot é provocador! Precisava ver o modo quase atrevido com que me mediu há pouco! Oh, Prachna! *Como odeio aquela saxã!*!... – Exclamou ela, num gesto incontido de irritação - E justo com *ela* Arthur resolve contrair consórcio! Terei que aturar a serpente pelo decorrer de toda a minha vida em Camelot! *Que a deusa me valha!*

- O casamento do teu irmão foi sobretudo político, bem o sabes, e o teu destino mais provável não é aqui, mas em *Joyeuse Gard**! Lancelot está ardendo de paixão neste retorno, ansioso por algo que tu bem conheces! E tu estás, sobretudo, enciumada! Mas quanto a Guinevere, tenho que concordar contigo de um lado, e discordar de outro! É astuta e lasciva, como toda saxã; mas não a julgues enredada amorosamente com Lancelot como temes! – Prachna meneou, entre penalizada da angústia da outra, e algo divertida – “Pela deusa”, digo eu, Alexia! Todo tolo vê que é por ti que este Cavaleiro se vê perdidamente escravizado, e ainda te esvais por algo que, no teu desatino e inexperiência, agigantas nos teus piores temores, sofrendo sem necessidade! Todavia, - Anotou a mais - É sábio que te mantinhas prudente, e necessariamente ríspida para com ele! – Acrescentou, acentuando o tom precavido, e trazendo-a pelo braço a passeio para um ângulo mais distante e a salvo dos alaridos buliçosos da festa – Na medida certa.. – Ela sorriu, com calculismo – Que sei que sabes dosar como ninguém! *Sir* Lancelot é homem vivido, apesar de te dedicar este sentimento sincero desde a tua infância, *milady*, e, esteja certa, também mede as atitudes com astúcia para contigo, conhecendo exatamente até que ponto tu também te vês enredada por ele!

Neste ponto, Alexia soltou inesperada gargalhada, que, inesperadamente, fez Prachna deter-se para medi-la, experimentando na espinha um inusitado arrepio supersticioso.

- Ele me conhece, é certo, Prachna! E, possivelmente, o que lhe sinto, e até que ponto! Mas não sabe a meu respeito de *tudo*, como ninguém conhece ninguém de forma completa! – Agora era a moça que, já refeita o bastante da primeira emoção do reencontro, relanceava o olhar esquivo pelo Cavaleiro distante, conversando naquele instante com Arthur, mas ainda acompanhando-a, insistente, com os belos e envolventes olhos escuros. Alexia aparentou, fugidamente, muito mais idade naquele minuto, impressionando Prachna, e declarando: – Lancelot nem desconfia de como me vingio dos desgostos que me faz passar com o seu comportamento porventura infiel, e em instantes nos quais nem suspeita de *como* eu estou presente! – Enfatizou, com ar sombrio.

Prachna parou. E mediu-a, curiosa, francamente perplexa com o que ouvia.

- Que queres significar com isto, *milady*? – Perguntou, puxando-a de leve pelo braço, receosa. – Não podes acusa-lo de infidelidade, a menos que retenhas disso absoluta certeza!

Alexia agora sorria – um sorriso estranho. Prachna a percebia agora surpreendentemente segura e feliz.

- Que dizes?! – Ela replicou – Se ele me ama desde a infância, como tu garantes, e como reconheço ser verdade, *foi, sim, infiel!* Mesmo que o seu envolvimento com a bruxa tenha se dado antes do seu retorno de Badon Hill, e do casamento dela com meu irmão! Lancelot não soube ser fiel à distância, em respeito à memória do amor que nos unia! – Exclamou, com certa amargura no tom de voz - Sei valorizar e seguir à risca os teus conselhos, que seriam da mãe ausente que não tenho, Prachna, não guardes dúvidas! Mas usando *recursos desconhecidos de ti*, que ousou resguardar apenas para mim mesma! Tu não compreenderias! Não te perturbes, porém; porque me deixam a salvo, e são eficientes! Agora, deixe-me dançar, Prachna! – A jovem, enfim, e completamente refeita do abalo emocional experimentado momentos antes, exibia um brilho estranho na luz de seus olhos cristalinos, próximo, quase, a algo maligno, mas zombeteiro – Quero dançar, dançar!... Até transtornar por completo a mente de Lancelot!... – Declarou, debochando, num sussurro de conotação indefinível ao entendimento da mulher então pressurosa que a ouvia.

E, como Prachna intuísse daquelas palavras o teor dos boatos místicos que em toda Camelot se disseminavam de há muito sobre a sua pupila, por ora preferiu apenas calar e observar.

Ж

*Joyeuse Gard – Segundo versão do Rei Arthur, de Allan Massie, dentre outras fontes, trata-se do nome do castelo do Cavaleiro Lancelot. Nota da Autora

Um Cavaleiro Subjugado

Um único flautista iniciou uma melodia bem ritmada, acompanhado depois dos pandeiros enfeitados com fitas coloridas de mais dois percussionistas, e dos demais instrumentos do grupo musical.

Com os convivas quedando-se em silêncio instantaneamente, para, prazerosos, acompanharem a apresentação das dançarinas ao som agradável da melodia animada, as jovens, em princípio bailando lentamente ao som da flauta, evoluíam graciosamente, em oscilações rodopiantes, de braços dados, e sobraçando cestas com flores.

No palanque principal, Arthur interrompera sua conversa bem-disposta com os demais para admirar a irmã dileta na linda apresentação acontecendo na praça decorada à frente, sob as luzes tremulantes da noite. Junto com ele, damas e Cavaleiros dividiam o prazer da ocasião. E, à medida em que o número musical rápido progredia, se intensificando, as dançarinas jovens e graciosas, aos sorrisos agora provocativos, e ora sim, ora não, num crescendo, em passos ensaiados e idênticos em certos momentos, aproximavam-se em conjunto do palanque senhorial, como chusma de fadas felizes, trajando vestidos coloridos e leves. E lançavam sobre Cavaleiros e damas punhados de flores dos campos, que os guerreiros, em especial, arrepanhavam entusiasmados, na medida dos seus interesses particulares eventuais por cada uma delas.

Algumas daquelas flores foram arremessadas intencionalmente por Alexia na direção de Galahad, sentado bem ao lado do então estonteado de paixão Lancelot.

Sorrindo, quase atrevida, um brilho entre brincalhão e provocador escapando-se-lhe, num clarão, dos lindos olhos azuis, ela correu e jogou sobre o jovem guerreiro as flores; e este, rindo-se, e dividindo com ela a troça, beijou-as, e estendeu-lhe uma das mãos, saudando-a. Mas a travessa Alexia limitou-se a recuar um passo e saudá-lo polidamente, reclinando-se, gentil; e então correr para longe, evoluindo na dança que executava com talento ímpar, juntando-se às companheiras, que agora encerravam o número, e se refugiavam, com acenos alegres, para trás do agrupamento de instrumentistas, na obscuridade dos bastidores do largo iluminado, sob os aplausos frenéticos dos convivas entusiasmados.

Choveram gritos e vivas da pequena multidão eufórica.

Feliz, sorridente, Arthur aplaudiu também, orgulhoso, a apresentação da qual participara aquela irmã, que estimava com especial carinho e zelo. E afinal voltou-se, bem-humorado, para dois dos Cavaleiros que, àquela altura, trocavam entre si, com o olhar, algumas farpas surdas, em virtude da provocação bem calculada de Alexia, momentos antes.

No instante em que ela se aproximara, evoluindo, graciosamente, na direção do palanque, fazendo que lançaria flores para algum dos presentes que fez questão de não definir claramente, o olhar fascinado de Lancelot brilhou, com um clarão apaixonado indisfarçável. Porque julgou, ali, que talvez aquele fosse o momento em que, com aquele gesto, ela mesma colocaria, de iniciativa própria, um fim àquele desentendimento sofrido entre os dois, que já se arrastava havia dois meses.

Mas, para seu inevitável e decepcionado rancor surdo, e embora ele entendesse claramente a intenção travessa da moça, no último momento ela atirou as flores para Galahad – que, galhofeiro costumaz e ferrenho, apimentou o momento, beijando as flores, e também mandando para a risonha jovem um beijo à distância.

Depois, olhou para o mestre de armas a seu lado, zombeteiro. E, à julgar pela expressão quase encolerizada do amigo, pensou que talvez, perdendo a cabeça, o parceiro de armas o convocaria, sem mais nem menos, para uma justa, bem no meio da festa!

Todavia, relanceando-lhe um olhar taciturno, sombrio, embora clara e estoicamente contido, tudo o que Lancelot fez foi fechar a fisionomia e olhar para outros lados, trancando-se – e, de caso pensado, esboçar no semblante meio empalidecido um traço qualquer de suprema zombaria, que acabou desconcertando o outro.

Ao fim do número, mas sem poder evitar abordar de algum modo o assunto que mais o obcecava desde a sua chegada, o mestre de armas voltou-se para Arthur, comentando, embora sem encará-lo muito para não denunciar ao outro aquela fraqueza de que não gostava de dar mostras, motivada pela só comoção que a atitude de Alexia havia lhe desencadeado:

De certo modo, o comentário era um tipo qualquer de justificativa para aquilo.

- Será que eu a mereço, Arthur?

O chefe bretão interrompeu-se nalgum assunto banal que abordava com Bors, naquele momento em pé a seu lado, para voltar-se para o amigo, interrogativo.

- A que te referes, Lancelot?

Todavia, adivinhava, por intuição, o que ele falaria em seguida, o que de fato se cumpriu.

- Tua irmã. Alexia. Ora... – Ele riu-se, agora um tanto mal achado – Sabes bem a que me refiro!

Arthur não modificou a fisionomia. Por vezes, se divertia intimamente com o modo como o normalmente frio, cético mestre de armas da Irmandade, dava provas da mais autêntica desorientação interior, sempre que o assunto se referia à sua jovem irmã. Mas, por vivência, entendia ser o amor, secularmente, coisa passível de transtornar têmeperas porventura mais audaciosas, mais pragmáticas do que a daquele guerreiro intrépido, mas de índole reta. E, com um suspiro imperceptível, respondeu, segundo as expectativas dele:

- Lancelot, tu bem sabes que, sendo meu amigo, folgo com a possibilidade de que fosses o tutor e consorte da minha Alexia! Já te nomeei anteriormente, e de forma oficial, seu Cavaleiro! Todavia, não quero interferir diretamente nas particularidades do teu envolvimento com ela, porque, bem sabes, respeito o livre arbítrio de minha irmã, como costume fazer com todos!

Lancelot riu-se de leve, ouvindo aquilo, e respondeu, de forma algo melancólica.

- Temo, porém, que até agora Alexia ignore esta tua nomeação, embora tenha sido feita na presença dela...

Naquele ponto, contudo, e em ouvindo o princípio daquele diálogo confidencial entre os dois, Galahad levantou-se, pretextando passear no ambiente da celebração da noite para se evadir, respeitando-lhes a privacidade. Mas não resistiu a uma última provocação ao amigo e guerreiro, que motivou neste último um olhar passível, talvez, de fulminá-lo instantaneamente:

- Talvez que eu a mereça mais... Que achas, Arthur?!... – Indagou, alteando para o chefe a voz.

E foi-se afastando, empunhando sua caneca com vinho, às risadas.

Arthur manteve-se impassível, e somente meneou; mas Lancelot, perdendo a paciência, ainda respondeu-lhe, aos brados:

- Mereces uma flechada à sorrelfa, enquanto dormires, patife! Por que não me esquece um pouco?! – E para o agora meio irônico Arthur – Tive que aturar este espectro me obsidiando durante os dois meses de viagem! Francamente, Arthur, Galahad tem uma têmpera difícil!

- É um fiel e íntegro Cavaleiro! – Discordou o chefe – Apenas que jovem demais, e, portanto, audacioso, e um pouco falastrão! Por que dás trela às provocações dele, Lancelot? Bem sabes dos sentimentos de Alexia por ti!...

E agora o líder bretão se permitia rir um pouco do aborrecimento do outro que, a isto, recobrou compostura, e entregou-se a um necessário desvio de um assunto que não lhe adiantaria muito tratar ali, e com Arthur.

Precisava, sim, e o quanto antes, encontrar Alexia, em ocasião apropriada, para afinal encerrar aquele único capítulo de sua vida com a capacidade de roubar-lhe o sangue frio e algumas horas de sono, desde há várias semanas.



- Estavas radiante naquela dança, Alexia!

A moça tomou um choque, voltando-se. Mas não o demonstrou.

No instante em que afinal foi abordada daquele jeito por Lancelot, que de há horas espreitava ocasião oportuna para encurralá-la para um entendimento decente, ela se esgueirava por entre alguns corredores sombrios e banhados pelo sereno frio e perfumado da noite, na sacada superior do castelo, próxima às balaustradas, onde pensou em descansar por alguns momentos do alarido já cansativo da festa do térreo, desenrolando-se madrugada afora sem nenhum indício de que se aproximava de seu término.

Com efeito, ela já havia dançado, junto às outras jovens de seu conhecimento, conversado e pilheriado com elas. Correria de um para outro lado, como criança incorrigível, mas feliz, disputando brincadeiras. Comeria e beberia na companhia do irmão e dos demais circunstantes que os cercavam. E trocara também com Guinevere, com quem positivamente nunca se entendera, e cuja convivência piorara de qualidade desde o dia ainda recente de seu matrimônio com Arthur, vários olhares afiados como farpas, nos quais se liam declarações tácitas de antipatia mútua.

Todavia, as mostras de hostilidade, em sinal de respeito de ambas as mulheres pelo sempre digno e altivo líder bretão, nunca ultrapassavam aquelas momices mudas. Mas naquela noite, especialmente, Alexia não pudera conter na fisionomia uma piora sensível daquelas impressões íntimas, a partir do momento fugidio em que pilhou, de longe, Lancelot trocando com a rainha algumas palavras – que, em verdade, nada tinham de mais para além de mera mostra formal de cordialidade, na duração dos festejos. Mas que a imaginação fértil quanto atormentada da jovem exacerbaram quase até o ensandecimento odioso, levando-a a, naquele ponto da noite, afinal não suportar mais o tumulto dos festejos e refugiar-se, ao menos temporariamente, até que recobrasse a fleuma e o fôlego, naquele andar ora deserto, sombrio e silencioso da vasta moradia senhorial.

Não se apercebera ela, no entanto, e no seu transtorno, que o Cavaleiro, longe de se importar àquela altura com Guinevere, vinha era observando detidamente os seus modos, e monitorando-lhe de longe os movimentos sem ser percebido. E que a seguiu, sub-repticiamente, na sua retirada estratégica da praça festiva onde todos ainda comemoravam a célebre data dentre as que compunham as celebrações celtas daqueles tempos.

Quando, portanto, Alexia se voltou, dando a frente para o mestre de armas, sua expressão fisionômica aparentou-lhe estranha quanto anestésica insensibilidade. Não imaginaria o guerreiro que lágrimas de mágoa eram contidas à força naquele momento, em que a moça ainda amargava as imagens mentais ininterruptas do que pensava, na imaginação superexcitada, ter sido uma troca esquiva de juras traiçoeiras de amor, entre a mulher do irmão e o principal Cavaleiro de Camelot. E aquilo, a tão só suposição, a ensandecia de ódio e de ciúmes mal contidos.

Mas, a despeito da inexperiência, e da idade quase infantil, a orgulhosa irmã de Arthur mostrava-se, de hábito e de índole, sobretudo arrogante! E jamais passaria atestado de fragilidade naquele momento decisivo, portanto. Então, após demorar-se brevemente fixando o rapaz parado adiante, sem saber mais por um momento o que dizer ou o que esperar, declarou:

- Dançar é-me um dom natural, Cavaleiro, assim como guerrear é um teu!

Para surpresa e estranheza de Lancelot, dada a sua ignorância do que ia ao íntimo da jovem, determinando aquela frieza gélida no tom, ele não a encontrava mais na disposição arejada e adorável de quando se apresentara na praça, horas antes. E aquilo tanto o desconcertava, quanto o exasperava, em igual medida.

Dominava as armas como ninguém num campo de batalha. Arqueiro exímio, e espadachim imbatível, possuía o condão de adivinhar com precisão cada estocada, cada investida inimiga, para derrotar cada guerreiro, por mais poderoso se mostrasse, na infinidade de batalhas que já travara por Arthur! Por isso, inevitavelmente via-se inerte, quase que estupefato do modo como aquela simples menina conseguia, com suas atitudes imprevisíveis, imobilizar-lhe momentaneamente as reações, quando também se julgava homem calejado no modo infalível de lidar com todo tipo de mulher com que porventura se deparasse.

Perguntava-se, atormentado, e de saída, então, o que diabos poderia estar provocando nela aquela mudança de maré imprevista nas atitudes?!

Como se conduzir?!

Para início, e buscando agir por instinto, ele deu uns passos cautelosos, aproximando-se mais.

- Só que o teu dom cativa, *milady!* Não se pode dizer o mesmo do meu! É incerto! – Ele quis ironizar um pouco, na tentativa de desanuviar o clima tenso que evidenciava-se naquele começo de entendimento.

Alexia, a isto, esboçou um ar de inocência, que soou a Lancelot, antes, como acerba zombaria.

- Não se pode dizer o mesmo do teu?! Será mesmo, *milord?!...*

Lancelot suspirou, tomando fôlego. Deu mais um passo à frente, sem que pudesse evitar. Ela deu um a mais para trás, cautelosa.

- Que queres dizer com isso?

- Que teu dom cativa, em dependendo da ocasião, e dos interesses! – Ela declarou, sem pensar, na mesma entonação enigmática que usava recorrentemente, desconcertando os circunstantes.

- E porventura te cativaria? – Ele arriscou, com um sorriso comedido.

O sorriso algo galhofeiro da jovem, neste momento, se expandiu.

- Não sei, Cavaleiro! *Não sou uma tua inimiga!* – Frisou, dando uma pausa intencional, e olhando o guerreiro, que empalideceu inesperadamente, sentindo um calafrio longínquo ouvindo aquilo.

Onde já escutara recentemente aquela frase?!

Mas Alexia não quis dar-lhe tempo para entender ou ponderar, continuando:

- O dom das armas atrai tanto os que estimam um guerreiro, quanto também evoca o respeito daqueles que ele enfrenta. Neste sentido, pode-se dizer que, de um certo ponto de vista, temos a admiração dos nossos inimigos!...

- Alexia, não queria desperdiçar o tempo contigo aqui, neste momento, falando do meu talento como guerreiro! – Ele meneou um pouco, confuso – Não sei como pode nossa conversa estar se desviando neste sentido, quando o que eu pretendia era aproveitar este encontro para tentar entender-me contigo, em relação a coisas que suponho que conheces!

- Em relação a estas coisas a que aludes, temo dizer, infelizmente também aí existem amigos e inimigos, *milord!* – A moça murmurou, baixando um pouco os olhos azuis, meio ensombrados pela penumbra ambiente. Parecia ter se intimidado um pouco com o desvio de assunto praticamente imposto pelo mestre de armas, que, em notando-o, aproveitou-se da sua momentânea indecisão para conduzir o diálogo para onde pretendia, se aproximando mais.

- E o que somos um para o outro, então... se entendes a que me refiro?

Ela, contudo, não perdera o fio do raciocínio como ele supusera, com base na sua fisionomia aparentemente alheia.

- Não sei, *milord!* Agora tu me confundes com as tuas perguntas!

- Quanto às coisas que bem sabes que devemos resolver, porque ficaram pendentes naquele nosso desagradável último encontro... – Lancelot resolveu falar com clareza, cansado daquele jogo nebuloso de palavras que a nada os conduziria – Alexia, tu acabas de me dizer que não és minha inimiga! Também não sou teu inimigo, e penso que sabes perfeitamente disso! – Agora parados um diante do outro, com a jovem ainda de cabeça meio baixa, encarando-o a intervalos intermitentes, o guerreiro afinal encorajou-se para levar-lhe ao rosto alvo e agora frio do ar da noite uma das mãos enluvadas, erguendo-o para que o encarasse – Então, o que foi aquilo, naquele dia... – Murmurou, mudando para um matiz mais terno o timbre da voz - ...Justo no dia em que me afastei em viagem, durante todo este tempo?! – Replicou – Vivi um inferno de saudades de ti, neste período, tendo que tratar de assuntos sérios, mas sem saber ao certo o que tu andavas pensando, antes e depois daquilo! Eu não consigo te compreender direito, às vezes, Alexia! – Concluiu, agora em tom acariciador e quase súplice.

- Tu me traíste! – Ela enfim respondeu, baixinho, mas decidida, um clarão fugidio relampejando perceptivelmente em seus olhos de um azul límpido, mesmo na obscuridade do local silencioso e deserto no qual se achavam – Dizes que não é meu inimigo... E eu, Lancelot, - Ela enfim o olhou direta e invasivamente nos olhos castanhos escuros, agora dominados pela surpresa - ... *Eu também não sou tua inimiga!* Mas me atraíste... *com aquela maldita saxã!* – Acusou, agora com entonação surda, quase proferida entre dentes, e o Cavaleiro a julgou presa de um certo tremor raivoso que lutava para controlar – *Por que, então, o fizeste?!!*

Lancelot a esquadrinhou, brigando também consigo mesmo para manter-se centrado e no controle do diálogo, agora em que, enfim, se recordara, de inopino, de onde escutara recentemente aquela frase já proferida duas vezes pela moça: *Não sou tua inimiga!*

- *“Exasperas justo aquela que não é tua inimiga, Cavaleiro!”* – Gritara-lhe a velha decrépita naquela noite tempestuosa já distante, de dias atrás, durante a viagem de volta.

Forçando-se a ignorar a assustadora coincidência, contudo, o Cavaleiro se conservou no momento presente.

- Alexia, te referes, novamente, a Guinevere! – Abanou a cabeça novamente, impressionado – Não tens a mínima ideia do absurdo que proferes, neste sentido! Peço-te novamente, meu amor, que não te entregues aos efeitos das fofocas de mulheres talvez invejosas da tua condição!

- Esgueiras-te por subterfúgios, Cavaleiro, e nunca me esclareces este pormenor! Se nada houve entre vós, *por que tanto falatório em Camelot?! E por qual razão, há pouco, vi-te com ela, a trocar palavras suspeitas, em momento de distração de Arthur?! A vossa fisionomia, na duração do diálogo, entregava com clareza que nada de decente era ali tratado, daquela maneira fugaz, entre vós!*

O tom, agora, era quase um tapa; outra bofetada que ela lhe assacava no rosto, da mesma forma como lhe desfechara, na despedida de dois meses antes.

Agora praticamente atônito, o mestre de armas experimentava uma confusão de ternura com impaciência, medindo-a, com expressão indefinível nos olhos dilatados.

O carinho conciliador de momentos antes desaparecera, necessariamente, da sua fisionomia, ante a ameaça de agressividade com que ela o acusava novamente, em disposição grandemente hostil. Mas, de cima da sua maturidade de homem muito mais velho, antes de tudo ele passou a se deliciar com o modo desarmado com que ela patenteava, ali, tanto o ciúme doentio que sentia a seu respeito, alimentando no espírito fantasias inexistentes a respeito do que presenciara, quanto a realidade de que vinha inspecionando os seus movimentos desde que chegara nos festejos, do mesmo modo como também ele agia em relação ao que ela fazia no ambiente da celebração.

E aquilo lhe bastou para recuperar extraordinariamente toda a fleuma! Embora empurrando para depois o pano de fundo do incômodo que lhe provocou a conscientização da semelhança espantosa do que ela lhe dissera há pouco, com o que lhe gritara em rosto a velhinha atormentadora do episódio da taberna distante da Bretanha.

Lancelot, por fim, rasgou um sorriso de franca zombaria, sem se arredar da proximidade com que buscava intimidá-la. E declarou, contendo um pouco mais o ímpeto que o arrastava a enlaça-la e beijá-la impetuosamente de uma vez, coisa a que ele detinha quase certeza de que, àquela altura, ela não resistiria.

- Bem, bela Alexia... Deixe-me, então, para resgatar a tua admiração e me fazer merecedor da tua confiança, confessar-te acerca das coisas indecentes que tratei com Guinevere há pouco... Dizia-lhe que, de uma vez por todas, desistisse de Arthur e me preferisse... Porque já ando farto de correr atrás da irmã dele, tentando convencê-la do meu amor, do qual ela, aliás, detém absoluta certeza, esnobando-me! E, em razão disso, talvez que a mulher do meu líder e amigo melhor soubesse valorizar o meu sentimento e devoção! – E, vendo a jovem empalidecer feito o mármore, pega desprevenida naquela resposta impossível, a ponto de uma síncope, os grandes olhos azuis marejando-se sem que conseguisse evitar, segurou-a com firmeza pelos braços delicados, quando já ameaçava, ou correr para longe dali, ou desferir-lhe outro violento tapa, concluindo – Contei a ela que proporia mesmo a Arthur que me destituísse da nomeação oficial junto a ti, para situar-me, mais convenientemente, junto a ela como seu Cavaleiro e tutor... Claro, após ele concordar e se conformar com a nossa traição em comum acordo, e abençoar o nosso matrimônio... *depois* de desistir de matar-me, ou declarar guerra aberta contra mim, numa justa realizada diante de todo o reino de Camelot!

Lancelot, ainda sorrindo com suprema ironia externada sem disfarces na fisionomia ensombrada, parou, julgando que já dissera o suficiente. Notava-a quase à beira de algum desfalecimento ou reação desarvorada; então, conservou-se apenas sustentando-a em sua pane momentânea, enquanto ela se visse presa daquela mais absoluta ausência de iniciativas da qual dava mostras, para seu prazer, quando fora sempre tão acre, combativa e pronta nas suas reações e respostas.

Penalizado, acabou compreendendo que, na sua inexperiência de vida, que acabava sempre se sobrepondo aos ataques de gênio, ela se achava presa de algum estado de choque. E tentou amenizar a possível impiedade do que fizera, em parte compelido pela forma repetitiva com que ela vinha reincidindo sistematicamente em espezinhá-lo e rejeitá-lo, de tempos àquela parte, e a despeito do amor que sabia que ela lhe nutria.

- Meu amor... por favor, acalme-se! – Pediu, conciliador - Será que não vê que...

- Por quê?!... – Ela repentinamente balbuciou, surpreendendo-o, o olhar como que petrificado invadindo-lhe os olhos agora refletindo entre a preocupação e a paixão ostensiva que lhe sentia – Por quê, Lancelot?! *Por que me enfastias e me exasperas, se não sou tua inimiga?!!*

E as lágrimas grossas enfim escorreram-lhe sem mais freios no rostinho delicado, e pálido como mármore.

O Cavaleiro, agora perplexo, soltou-a, numa reação mecânica, por reflexo, e recuou um pouco.

- *Alexia!!...*

A moça rebentou em soluços. Mas o mestre de armas, mesmo transido como se achava, não se permitiu deixa-la evadir-se, e perder novamente uma oportunidade de entender-se com ela, do jeito como ansiava para a realização plena do envolvimento amoroso entre ambos.

O principal Cavaleiro da Irmandade de Arthur não suportava mais aquela ordem de circunstâncias! Então, quando ela ameaçou correr para longe novamente, entre amargurada e em desatino, no último momento ele a puxou de volta pela mão e a atraiu para si. Abraçou-a estreitamente, retendo-a, obsessivo.

- Fique aqui! *Fique aqui, Alexia, eu te peço!* – Ofegou – *Perdoe-me!* Brincava contigo, meu amor! – E, afinal não se contendo, beijou-a repetidas vezes, com intensidade, nos lábios e na fronte aninhada em seu peito, sentindo em si o corpo frágil da jovem convulsionado pelos soluços – Como pudeste, em sã consciência, acreditar na série de sandices que enumerei, apenas para brincar um pouco contigo, para aborrecer-te de pilhéria, de modo infeliz, o reconheço... *mas inverídico!* *Fica, Alexia!* Que quero matar as saudades tuas, meu amor! – Murmurou-lhe, ansioso, nos ouvidos, por entre beijos em seus cabelos e no seu rosto agora esfogueado – E quero também contar-te algo! Um episódio misterioso, que me aconteceu quando retornávamos para Camelot!...

Jamais, naquele minuto intenso, o guerreiro, apesar de tudo honesto nos seus sentimentos, adivinharia, na moça agora aparentemente rendida, aninhada nos seus braços, o esgar divertido que, de improvisto, externou no rosto quase infantil e lavado pelas lágrimas, disfarçado convenientemente pelas sombras da noite fria que os envolvia.

Ж

- *Alexia!*...

A jovem voltou-se, no momento em que avançava na companhia de Prachna por um dos salões do castelo, trocando com a ama algumas pilhérias que as faziam rir, enquanto dirigiam-se aos cômodos femininos, após o desjejum da manhã.

Olhando, a moça surpreendeu-se, ao ver o irmão em pessoa chamando-a a entendimento particular.

Ela e Prachna despediram-se brevemente, e a criada, pressurosa, relanceou no soberano um olhar pensativo, desaparecendo depois, obediente, nos interiores dos corredores de acesso aos andares inferiores. E a jovem, aparentemente bem-disposta, avançou de encontro ao irmão, que a abraçou, afetuoso, e a atraiu para uma palestra no escritório particular onde tratava de assuntos de feição familiar.

- Que me queres, soberano da Bretanha? – Ela foi logo perguntando, divertida, enquanto caminhavam de braços dados pelo piso luzidioso do longo corredor de acesso à sala que buscavam.

- Desejo conversar com mais vagar contigo, e de modo cordial e íntimo, como de há muito as obrigações me impedem de fazê-lo... – Arthur declarou, sem meias palavras, a fisionomia num primeiro momento não denunciando nada de desagradável no modo de abordá-la.

Todavia, e a despeito da pouca idade, Alexia era percuciente em várias ocasiões. E relanceou no irmão mais velho uns olhos escrutinadores.

- Hmm... Teu tom fala de amenidades, mas teu ar segreda-me que algo o incomoda, ou preocupa...

Ambos entraram no escritório, que Arthur cerrou por dentro, deixando-os a salvo de indiscrições alheias.

- Umass tantas coisas, sim. Nada, porém, que justifique a forma defendida com que já me olhas, como acontecia na época em que caías reincidentemente naquele poço que nosso pai inutilmente cansou de lhe impedir o acesso na tua infância, há muitos anos... Lembra-te?!

- Bem desagradáveis lembranças me evocas, daqueles episódios dos quais saía toda arrebatada, e sempre com o teu auxílio, meu salvador... Mas bem-intencionada, no final das contas, porque até hoje tenho como predileção estranha buscar água limpa para nosso uso e saciedade! – Ela riu-se, sem querer se desfazer do bom humor.

Arthur a acompanhou de boa mente na hilaridade. Mas não perdeu o fio do assunto que pretendia abordar com ela em caráter privativo.

- Alexia; duas boas causas me demovem a conversar contigo hoje! Uma, e prefiro começar por esta, que na certa te desagradará mais, se origina numa queixa que Guinevere já repete há dias a fio nos meus ouvidos, que tomo mais a conta de frioleira, mas que não aguento mais ouvir, resolvendo-me a dividi-la de uma vez contigo para ver se não achamos, juntos, uma solução a contento!

O ânimo da jovem de pronto se fechou, como tormenta súbita.

- Que queixa a meu respeito é esta, com que esta saxã melíflua, pelo visto, tenta atirar contra ti justo a tua irmã mais querida, meu irmão e soberano?! – Ela reclamou de pronto, embora de cima da zombaria habitual empregada a tudo que se referia à Guinevere, enquanto se sentava.

Arthur a imitou, acomodando-se perto dela no assento confortável do escritório; mas, apesar da alusão pouco lisonjeira à sua mulher, sem alterar a entonação amigável com que sempre se dirigia àquela irmã, que tinha mais a conta de filha.

- Ela reclama constantemente de que não a toleras, e a olhas o dia inteiro com um ar fulminante de quem anseia antes por mata-la! E, agora, então, eu te pergunto, Alexia, das causas disso! Que pode estar inspirando em ti este ódio contra minha esposa?!

“*Bruxa! Feiticeira maldita!!*” – Vociferou Alexia, de si para si, lutando para manter o semblante, a despeito de tudo, desanuviado.

Tinha consciência de que Guinevere a enredara numa armadilha, instigando Arthur a cobrar-lhe satisfações daquele jeito. Porque conhecia de antemão – *a megera!* -, considerou, quase trêmula de raiva

– que ela, Alexia, por compaixão, pundonor e respeito por aquele irmão a quem amava, jamais se encorajaria para expor a ele as verdadeiras causas do seu ódio! Na verdade, as suspeitas de um envolvimento entre ela e Lancelot, cujos boatos se alastraram por toda Camelot meses antes sem, na verdade, atingir o conhecimento do chefe bretão, blindado como se achava pelo zelo de seus pares mais próximos, conselheiros, e Cavaleiros que, apesar de inteirados dos mexericos caluniosos, e mesmo por admiração por Arthur, não permitiam que atingissem os seus ouvidos, alguns deles se limitando a, na dúvida, nutrir por Lancelot acerba quanto gratuita antipatia.

- Não sei por qual razão ela alega estas coisas, meu irmão! – A jovem recorreu, ali, a toda a sua capacidade de dissimulação, para desviar as suspeitas de Arthur e eximir-se – Pois nunca a destratei ou desrespeitei, em qualquer ocasião, embora, de fato, nunca tenhamos sido íntimas! Algum ciúme fraterno, demonstrado descuidadamente, talvez... – Sugeriu – Mas perfeitamente plausível e inocente de minha parte, pelas atenções esmiuçadas que passaste a dedicar a ela com prioridade, em meu detrimento?!

E ria-se, desanuviada, apoiando o rosto gracioso na palma da mão, e o cotovelo no braço do assento que ocupava, expressando um ar calculadamente angelical. O que foi suficiente, para o seu alívio, para descontrar Arthur, que não fez por onde cobrar-lhe mais nenhuma explicação para convencer-se.

Abraçando-a, afetuoso, no assento, ele decidiu, então, enveredar pelo outro assunto que tinha em mente para debater com a moça. Este, diga-se, mais agradável para ela, também desafiada ao constatar a eficiência do seu ardil.

- Está bem, Alexia, entendo, e creio em ti! Se bem que teus ciúmes de irmã são infundados! Porque sabes que se não dedico atualmente maiores atenções a ti, não é tanto pelo meu casamento recente... Mas pelas obrigações com os Cavaleiros e com o meu governo, que roubam-me quase que a totalidade do meu tempo... E, por que não dizer... – Agora era ele quem sorria com humor intencional – Também porque andas algo reclusa, aos suspiros nos teus cômodos, desde o retorno do meu mestre de armas da última missão que lhe atribuí junto a Tristan e Galahad!

Alexia enrubescou logo.

- Ahn, vá lá! Aceito tuas desculpas, e perdoo-te!... – Devolveu, desconcertada, e Arthur arrepanhou o assunto para continuar.

- Lancelot, desde a sua volta, aproveito para comentar contigo, volta e meia fala de uma tal velha que o assombrou dentro de uma taberna tosca, em noite de tempestade, na qual ele e os outros se abrigaram da tormenta! Algo neste episódio traumatizou-o a tal ponto que não se passa uma semana sem que ele volte a falar no assunto! Falou, ele, contigo, neste acontecimento de sua viagem? – O chefe bretão sondou da moça, olhando-a de um modo inteligível, que fez Alexia parar um pouco, pensativa, e cuidadosa do que diria.

- Bem... Sim, Arthur! Na noite mesma da festividade da Lua do Carvalho, chegou a comentá-lo comigo! Mas, para ser franca, não tivemos o melhor entendimento naquela ocasião! Estávamos brigados desde a sua despedida, e a forma como ele tentou abordar-me naquela noite de sua volta foi meio desastrosa! Não dei muita atenção, desta forma, quando afinal conversamos um pouco, e ele me contou a respeito!...

Arthur notou Alexia notadamente inquieta, enquanto lhe narrava aquelas coisas.

Demoraram-se um pouco se medindo. A jovem, intimamente receosa do que poderia estar imaginando o irmão, olhando-a daquele jeito, pois Arthur não era exatamente ignorante de certas facetas suas, incomuns, de comportamento, que toda gente não entendia ou alcançava o cerne – mas principalmente ele, Prachna, e Merlin, sim.

Tanto que, para seu súbito empalidecimento, ele proferiu, de modo inesperado:

- Tu és um diabrete, minha irmã...

- Qu... quê?!... – Sem saber se sorria ou se assustava do que ouvia, Alexia se empertigou um pouco no assento, distanciando-se um pouco dele, mas Arthur também era astuto, e, embora discricionariamente entendendo e intuindo muitas coisas, meio a meio, sem perder a fleuma amável do modo como se lhe dirigia, comentou, esquivo:

- Tu conheces os sentimentos do meu principal Cavaleiro por ti; mas noto que, em muitos momentos, o desarvoras, provocando desentendimentos entre vós, que seriam desnecessários!

- *Eu?! Mas...* Por que me acusas disso, Arthur?! Lancelot fez-lhe alguma queixa a meu respeito?

- Não. – Ele desviou-se, com habilidade – Mas em variadas vezes confia-se comigo, alegando não entender direito a tua conduta! Ultimamente, por exemplo, maldizia-se desta última briga que tiveram, e que alegou ter sido motivada por ciúmes da tua parte, em relação a mexericos femininos envolvendo o nome dele em episódios de infidelidade para contigo, que, segundo ele, nunca existiram! Por que, então, minha irmã, preferes este clima de animosidade, se ele mesmo me confia estas coisas? Não achas que poderias, antes, dar-se a chance de ser feliz no amor? Não te parece que, fosse ele desleal como o acusas, e não ousaria reclamar comigo qualquer detalhe que fosse relacionado a estes fatos?

Foi a vez de a moça novamente irradiar um relampejo no olhar azulíneo, pensando, com um sorriso algo amargo perpassando, imperceptível, por seus lábios cor de amoras: *Que infame, tu és, Lancelot! E se eu completasse a história para Arthur, definindo para ele à qual tipo de infidelidade tua me referia?! Ah, milord! Bem andei eu em não cedendo, ainda desta vez, à tua lubricidade, na ocasião do nosso último encontro naquela balaustrada, apesar das tuas tentativas, que reconheço envolventes!*

- Não vou negá-lo, Arthur! Não para ti, meu irmão, a quem prezo acima de tudo! Amo Lancelot, e, portanto, naturalmente tenho ciúmes! Mas não posso crer que não alcances o cerne disso: tu, como chefe da Irmandade, melhor do que ninguém, conhece teus Cavaleiros, e o que constituí suas vidas de andantes! Toda mulher, em tal conjuntura, se sentiria insegura!

- Todavia, é do repertório de vida de meus Cavaleiros serem andantes; e, em certa medida, admito-o, aventureiros, embora sob os códigos de honra e disciplina que lhes imponho, minha irmã! Então, sugiro que reflitas com vagar sobre o que conversamos, para que tu também não te ponhas, na tua pouca idade e inexperiência, a sofrer desnecessariamente, molestando, de outro lado, o meu mestre de armas com aflições inúteis! Tente se deter na sinceridade do sentimento que ele te devota! É o melhor, para ambos, asseguro-te!

Encerrou-se, daquele modo, o entendimento entre dois dos filhos de Uther Pendragon, e a caçula preferiu não ousar mais nenhum comentário, para não deixar visível à perspicácia do líder bretão a propensão natural, existente em seu temperamento incomum, para manobrar com aquela situação de modo oportuno aos seus desígnios particulares.

Ж

Aquela noite sem lua se mostrava mais escura e fria do que o habitual.

Fora precedida de um crepúsculo nevoento, naquele começo de inverno que obrigava os aldeões e habitantes de Camelot a encerrarem suas atividades campesinas mais cedo para se refugiarem no abrigo aquecido de suas moradias.

Com o cair das primeiras sombras do crepúsculo, os pátios do castelo ressoaram com o ruído dos cascos de vários cavalos ganhando os domínios do castelo, em disparada.

Vários Cavaleiros retornavam de alguns dias de ausência empenhados em obrigações cotidianas, dentre eles Tristan, Dagonet, Lancelot e Bohrs, enviados por Arthur a título de reforço defensivo a pedido de um barão, partidário de Camelot em contendas políticas, pois se via ameaçado de morte por um parente próximo que ameaçava invadir seu castelo e territórios e toma-los em luta, a pretextos forjados de direitos de origem hereditária.

Exaustos, portanto, da longa cavalgada de várias horas, os quatro apearam, entretidos em diálogo barulhento e entusiasmado. Por ali, nas sombras do crepúsculo, avistavam-se apenas alguns funcionários e os cavaleiros habituais, acorrendo para recebe-los e acolherem os cavalos, já que os demais cortesãos, aparentemente, se achavam refugiados da friagem intensa nos interiores da magnífica fortificação.

No entanto, ao dirigirem os primeiros passos para a entrada, alguns se aperceberam de um delicado vulto feminino e encapuzado passeando a esmo ali por perto, de quem, num primeiro momento, não atinaram com a identidade, julgando tratar-se de uma das donzelas da corte, tomando ares nos arredores antes do cair total da noite.

Mas um comentário a propósito partiu daquele vulto, tão logo se aproximaram, enquanto, desvelando parcialmente o rosto alvo, ela dirigiu-se a Tristan, que trazia sobre o ombro o falcão de sua estimação, antes de liberá-lo para voar e recolher-se para o sono noturno.

- Oh, mas que bichinho bonitinho! Prezas mesmo os falcões, não, Tristan?! – Foi o comentário arejado e bem-disposto, acompanhado de um sorriso.

Ouvindo aquela voz, todavia, Lancelot também parou, junto com o espadachim da Irmandade, que, surpreso daquilo, afinal reconheceu no vulto, junto com o mestre de armas, a irmã caçula de Arthur.

- *Milady!* – Saudou Tristan na mesma hora, reclinando-se, respeitoso, com um sorriso. Acercou-se da jovem e esta, a um leve gesto, surpreendendo os dois Cavaleiros, atraiu a ave vistosa, de imediato.

Ela alçou breve voo na sua direção, pousando, dócil, em seu braço, enquanto Alexia enfim se revelava e acariciava-lhe delicadamente a pequena cabeça emplumada.

- Que bela ave, Cavaleiro! – Ela comentou ainda, e Tristan consentiu, com amabilidade – É, certamente, um dos teus melhores e mais fiéis amigos!

- Não há missão que lh'a confie que não cumpra fielmente... – Comentou o rapaz, consentindo, prazeroso do que ouvia.

Parado mais atrás, e surpreso daquilo tudo, de vez que nunca suspeitara em Alexia aquela afinidade natural com uma ave reputada de rapina, e, portanto, perigosa, até que devidamente treinada por um mestre em falcoaria, Lancelot apenas observava a cena com sincera curiosidade.

Então, agradecendo a Tristan, a moça devolveu-lhe com amabilidade o falcão, que, obediente, voltou para o braço do seu dono. Este emitiu um ruído característico com os lábios, e libertou-o, para recolher-se até o dia seguinte; e o animal, dócil, ao comando de seu mestre, desferiu para os céus um voo impetuoso e largo, sumindo-se nas extensões obscuras e enevoadas do horizonte mergulhado no crepúsculo.

Alexia sorriu para o arqueiro, e este, notando em Lancelot um indicativo fisionômico de que queria privacidade com a jovem, despediu-se dela cortesmente, reclinando-se e pedindo-lhe licença para entrar no castelo.

Depois, distanciou-se, e Lancelot ali ficou, sozinho com a moça. E ambos, enfim, entreolharam-se demoradamente, após aquela data festiva em que se reencontraram depois do retorno do Cavaleiro de sua viagem com Tristan e Galahad.

No entanto, para agradável surpresa do guerreiro, a sempre imprevisível Alexia se mostrava de excelente disposição, encarando-o, aparentemente dócil, e denotando no olhar ostensivo quanto saudoso carinho.

Sem querer perder a chance de trégua, o Cavaleiro se acercou, e abraçou-a apaixonadamente, atraindo-a. Inclinou-a; Alexia o abraçou, afetuosa, e se beijaram durante longo tempo, sob o frio gélido da noite já quase fechada, que estimulava em ambos o impulso natural de se aquecerem mutuamente da temperatura frígida do horário.

Na escuridão agora completa daquele setor silencioso do palácio, sob os céus profusamente estrelados, e completamente entregues ao momento intenso de carícias que iam dividindo com ardência crescente, Lancelot enfim ensaiou atraí-la a momentos de intimidade maior, para os quais se arriscava, naquele momento, supô-la receptiva.

Estreitou-a contra si, com forte ardor. Mas, indeciso, em meio às carícias intensas que trocavam, ali, estranhamente sem qualquer resistência da parte dela, ele lutou, a despeito disso, para conter-se, e conservar-se, ainda e sempre, dentro dos preceitos de respeito pelas mulheres dos códigos da Irmandade, aos quais era severamente condicionado à obediência, sobretudo diante da irmã do líder maior da Bretanha.

Interrompeu-se, e, embora embriagado de paixão, olhou-a, um tanto perdido, como se solicitando dela um consentimento decisivo para realizar o que adivinhava que ambos desejavam ardentemente.

Mas, surpreendendo-o de novo, a jovem reagiu em descompasso com o modo aparentemente entregue com que se abandonava aos seus carinhos, a cada instante mais ousados.

Ela, enfim, distanciou-o um pouco, com gentileza. Olhando-o apaixonadamente, não obstante, beijou-o ainda uma vez, nos lábios algo trêmulos. E replicou:

- Hoje, não, meu Cavaleiro! Ainda não! Não seja impaciente!... – Sussurrou-lhe, amorosa.

E, sob a sua reação muda, quase atônita, libertou-se e, com um sorriso adorável, envolveu-se novamente em seu capuz escuro, desejando-lhe boa noite, e despedindo-se até o dia seguinte.

Desapareceu, nos instantes posteriores, nos interiores escuros do castelo, deixando ali parado, durante vários minutos, um Lancelot entregue ao mais completo desnorteamento sobre como interpretar corretamente o que acabara de lhes acontecer, enquanto se esforçava para se recompor.

As horas seguiram, silentes, em todo o perímetro do portentoso castelo do líder da Bretanha.

Os Cavaleiros se recolheram aos seus aposentos, - Lancelot, um tanto abatido - e as mulheres, às alas femininas da vasta moradia. Apenas Guinevere pernoitava no setor da residência com cômodos ocupados pelos homens, porque também lá se situava a alcova onde dividia o leito conjugal com Arthur.

Altas horas da madrugada, e, inopinadamente, um horrendo grito ecoou, terrífico, em quase todo o perímetro da gigantesca habitação senhorial.

Alguns Cavaleiros pularam do leito, zonzos, sem entender direito, num primeiro momento, de onde partira o grito feminino. Outros, moradores e convivas, acordaram, sobressaltados, imaginando reconhecer naquela voz aterrorizada o timbre da rainha Guinevere.

No entanto, não havia como ter certeza, embora a suposição fosse correta. E, enquanto a correria se estabelecia, de imediato, em vários quadrantes da moradia, em meio ao alarido assustadido de outros setores onde alguns saíam de seus quartos questionando as causas do acontecido, de mistura com Cavaleiros que surgiam apurando-se às pressas, de espadas em punho, Arthur, em seu cômodo, era o único e primeiro a conhecer a real procedência do estentóricio grito proferido bem a seu lado, colhendo-o em horrendo sobressalto.

Avançando, por reflexo, sobre Guinevere, que, estranhamente transida, petrificada, parecia ter o olhar azulíneo fixo, preso na direção de um ponto indefinido qualquer do quarto, próximo à grande janela lateral que dava passagem para o ar frígido e puro da madrugada, ele de pronto indagou, roufendo do sono interrompido de abrupto, saltando do leito e ensaiando agarrar as armas postadas de prontidão a seu lado, nas laterais da alcova.

- *Guinevere!! Por Cristo!* Que te levou a gritar deste jeito?! – Bradou, atônito.

- *Não menciones o nome do Cristo!! Ele não pode estar onde existe um imenso falcão sem asas!!*

– Ela berrou em resposta, ainda enlouquecida de medo, e encolhendo-se, amedrontada, na cama, apontando em determinada direção para o vazio adiante do cômodo mergulhado nas sombras noturnas.

- “Falcão sem asas”?! – Perturbado, Arthur olhou para onde ela apontava, transida e paralisada; nada viu, e julgou que a mulher desvairava, vítima de algum pesadelo – Mas... *a que te referes?! – Largando no chão a espada, que caiu com um estrépito, ele avançou de volta para onde a esposa ainda arrastava-se leito acima, agora com lágrimas apavoradas descendo-lhe pelo rosto enquanto mantinha-se com os olhos vítreos presos na mesma direção vaga para onde olhava irresistivelmente, como se fugindo de algo iminente que a atacasse.*

- *Ali!! – Gritou de novo - Ali, Arthur!! Está vindo para cima de mim! Devagar!! Um... enorme falcão negro, sem asas!!!...*

E, antes que ele pudesse atinar com algo eficiente que a despertasse do delírio incompreensível, soltou, por último, um brado lancinante, lançando-se nos braços do líder bretão. E desmaiou em seguida, em profundo colapso, deixando o marido momentaneamente inerte, sem saber o que providenciar na situação insólita.

Entrementes, alguém bateu com insistência, e ele, ofegante, e ainda preso de profunda perplexidade, avançou para abrir.

Não tinha alcançado a porta, e reconheceu a voz de Galahad.

- Arthur!! Que está acontecendo?! Precisas de ajuda?!

O rei abriu, e o Cavaleiro em expectativa, tendo por trás de si Lancelot e Dagonet, ambos de espada em riste, esquadrinhou a expressão empalidecida do chefe, que fez por onde explicar da melhor forma o acontecido.

- Guinevere foi vitimada por um pesadelo, uma alucinação, que a fez gritar! – Meneou um pouco. Via-se que se achava atarantado com a intensidade da reação da mulher, até aquele instante desmaiada na cama – Não imagino o que possa ter desencadeado isto, pois nunca vi ninguém reagir assim a um pesadelo! Quando acordei, ela se via em completo desespero! Apontava para algum lugar do quarto, gritando que via um “enorme falcão sem asas”! E se arrastava, como se fugindo de algo de fato aterrorizador que a ameaçasse! Enquanto procurava me refazer do susto e decidir o que fazer, desmaiou! – Arthur gesticulou para os outros, perdido – Seria algum mal presságio? – Cogitou – Não sei! Mas, se quereis prestar-me algum auxílio, portanto, Cavaleiros, basta que chameis aqui uma das aias da casa, para socorrer Guinevere no seu colapso! E, até ordem em contrário, podeis se recolher de volta aos seus aposentos!

Galahad e Dagonet baixaram as armas, entreolhando-se com perplexidade ante o aspecto fantástico da história. Somente Lancelot ouviu o que Arthur dizia de modo diferente, e involuntariamente associando o acontecido à cena aparentemente inocente a que presenciara no começo daquela noite, quando chegara com Tristan e os outros, e Alexia elogiara o falcão domesticado do guerreiro, atraindo-o a si com espantosa facilidade.

O mestre de armas serenou-se, pensativo; e, adiantando-se, se prontificou a tomar a providência de chamar a aia até o aposento do casal, para as devidas providências.

- Eu faço isso, Arthur! Vós, outros, podeis retornar ao seu sono! – E aponto um comentário ameno, que auxiliasse o líder a encerrar da melhor forma aquele episódio insólito no meio do silêncio da madrugada no castelo, comentou – Bom que tenha sido apenas isso! Sinceramente, cheguei a temer coisa pior!...

E afastou-se pelo corredor, metido em cismas, e pensando em passar furtivamente pelo cômodo onde Alexia dormia para checar se lá ela se achava e tudo corria a contento, enquanto os outros dois apresentavam as saudações e despedidas finais a Arthur, colocando-se, de qualquer modo, à sua disposição para qualquer outra eventualidade, como se pedia de suas funções.

Todavia, Lancelot sabia que não poderia satisfazer sua curiosidade sem despertar suspeitas para a sua conduta. Os quartos das jovens do castelo eram severamente vigiados por guardas, e por tutoras que as cuidavam, e, no caso particular de Alexia, pela própria Prachna, uma austera e fiel servidora de Arthur.

Aquilo, definitivamente, não se coadunaria com a conduta de um Cavaleiro; assim, teve que engolir a sua ansiosa curiosidade, e contentar-se em apenas providenciar o que Arthur necessitava para aquele momento, retornando, depois, ao seu próprio cômodo, onde se consumiria por todo o resto da noite em especulações inúteis sobre as causas reais do episódio enigmático.

Reprimenda Sem Proveito

- *Merlin, espere!...*

Deixando uma audiência privativa com Arthur dois dias depois destes acontecimentos, quando retirava-se com certa pressa do castelo dirigindo-se a outros compromissos a serem observados ainda naquele dia, o ancião parou, voltando-se, curioso, ao reconhecer no chamado o tom de voz de um indivíduo com quem raramente mantinha entendimentos: o Cavaleiro Lancelot.

Parou, empertigando-se, apoiado no seu bastão de peregrino, inseparável auxiliar naquela fase já provecta de sua vida, sua túnica longa e acinzentada esvoaçando sob os ventos leves, naquela hora da tarde espargindo os perfumes dos campos por todas as cercanias.

- Que me queres, Cavaleiro?

Lancelot o alcançou, encurvando-se em saudação. Merlin logo notou-o meio ofegante, como se tivesse espreitado de algum ponto a sua saída para abordá-lo, tendo corrido um pouco para alcançá-lo antes que cruzasse a ponte que conduzia ao outro lado da estrada dando para as planícies esverdeadas do vale.

- Merlin... meus respeitos! Necessito ter contigo para sanar uma dúvida, e creio que ninguém além de ti poderia me atender melhor nesta questão.

- Pois fale! – Incitou logo o outro, solícito, no tom entre solene e seguro que habitualmente caracterizava a sua entonação de voz.

Lancelot atraiu-o a um ângulo mais a salvo de indiscrições, olhando em torno, e caminhando até um dossel frondoso que os conduzia até os vastos jardins do palácio.

- Certamente, tu acompanhaste o tumulto que aconteceu há dois dias no castelo, pela madrugada, envolvendo a rainha Guinevere! Achavas-te já hospedado, a convite de Arthur...

- E no que possa isto te interessar, em particular, Cavaleiro?! – Inquiriu o velho, com certa astúcia transparecendo na voz algo irônica.

Lancelot nunca gostara muito daquela conhecida nota ácida, própria dos discursos daquele homem temível, tido em toda Camelot como mago branco do reino. Todavia, não havia outro indivíduo mais de molde a auxiliá-lo no seu dilema. E precisava, sem que pudesse evitar, de respostas; ao menos de uma opinião confiável, e sabia Merlin altruísta o suficiente para ser prestimoso naquele tipo de esclarecimento sem cobrar nada por isso.

Ele suspirou, fazendo por onde explicar logo, para desfazer de uma vez no semblante do outro aquele traço malicioso, visível assim que lhe ouviu a pergunta.

- Escute, Merlin... Pode ter sido Alexia, não pode? A responsável por este episódio sem explicação, acontecido com a rainha! Arthur mesmo comentou que nunca antes vira ninguém reagir daquele jeito a um sonho!

- Pesadelo, mais acertadamente... Mas, por que desconfias justo da tua amada, *milord*? – Sondou Merlin, e a expressão zombeteira não se removia de seu rosto, impacientando um pouco Lancelot, porque aquilo o compelia a enveredar por especulações a respeito da jovem que não queria exatamente abordar com ninguém precipitadamente.

Mas se viu forçado a comentar, pelo menos, o acontecido durante a sua chegada com Tristan, no final daquela tarde, quando a moça se divertiu um pouco justamente com o falcão domesticado do arqueiro. E, a isso, a ironia nas feições do mago se transmutou instantaneamente num ar entre pueril e penalizado, enquanto ele suspirava, desviando o olhar profundo, de expressão indefinível, para a amplidão esverdeada das colinas próximas.

Deu-se uma pausa, algo enervante para a expectativa de Lancelot. Mas, a cabo daquele intervalo, o velho murmurou.

- Ora, Cavaleiro... Pode, ou não pode, Alexia, ter algo a ver com o acontecido! Como saber?

Lancelot gesticulou, perdido.

- Se te pergunto, é justo porque não tenho respostas para esta pergunta!

- Por que a julgas responsável por isso?

O Cavaleiro se viu obrigado a ser honesto na resposta.

- Merlin... bem... Todos sabem que... Bem, eu e Alexia temos um, pode-se dizer, compromisso...
- Envolvimento amoroso... – O mago corrigiu, com astúcia, e um sorrisinho galhofeiro – Sim, sei, meu rapaz!

- E, bem... Existe entre mim e ela uma diferença ciumenta, envolvendo a rainha Guinevere! Porque... – E, de novo impaciente, ele se atrapalhou, desconcertado e quase irritado por se ver forçado a explicar aquilo, mas outra vez ancião o cortou, falando por ele, com bastante objetividade.

- Por causa dos boatos do teu caso com a rainha, que só tu mesmo sabes, na tua consciência, até que ponto são verídicos ou não! – Sugeriu – Sim, já alcanço onde queres chegar, e consinto em que a coincidência é mesmo evidente neste caso... se bem que, talvez, fortuita!

- Como assim, fortuita? – Lancelot confundiu-se. – Então, posso sossegar? Alexia não teve nada a ver com isso? Entenda, Merlin! De qualquer modo, sou tutor dela, nomeado por Arthur oficialmente, e...

- E pretendes, honestamente, ser marido em breve! Não precisas te estenderes mais em explicações privativas sobre estas particularidades, porque já entendi onde queres chegar! – Merlin o interpelou, com um gesto altivo, afinal acrescentando, para arremate do assunto, que quis definitivo – Cavaleiro, ouça: o que posso te confirmar é que Alexia, de fato, possui dons incomuns, como tu bem o suspeitas! E que de fato pode, a partir disso, promover certas traquinagens próprias da idade; mas não devo nem sou autorizado, por outro lado, a ficar vaticinando ou monitorando o uso bem ou mal intencionado que ela faz e fez disso, desde sempre!...

- E no que isto me ajuda a sanar a minha dúvida, Merlin?! – Retorquiu o mestre de armas, visivelmente contrariado.

Mas já Merlin se voltava, retomando sua caminhada rumo à saída, e balançando casualmente a cabeça encanecida, forrada por longos cabelos brancos.

- Não posso interferir no livre arbítrio alheio, rapaz! Mas, do que te informei agora, tu também és livre para deduzir o que quiser! O único conselho possível é que sejas sábio e justo nas tuas deduções! É tudo!

E, quando Lancelot se deu conta, já longe no caminho sinuoso até a entrada se distanciava o mago, deixando-o metido num estado inquietante de aturdimento com inconformação.

- Velho melíflu! E no que isto me serviu para me ajudar a decidir o que fazer?!...

Mas, nada embora tenha demorado a se decidir sobre o que fazer, depois de gastar mais uns dias remoendo o assunto, e de outro lado ansioso para ter com a jovem de modo liberto de maiores preocupações, permitindo-se, assim, a cuidar com ela apenas de coisas mais interessantes para os dois, acabou se convencendo, até certo ponto intuitivamente, e após atormentar-se sobre o caso o suficiente, de que fora mesmo a moça a autora do episódio agourento havido com a rainha - provavelmente como medida vingativa, providenciada em razão de se ver recorrentemente atijada pela sanha ciumenta das especulações que lhe envolviam o nome ao de Guinevere, e principalmente agora, que novamente se via presente em Camelot, e hospedado no castelo, a serviço de Arthur.

Daí, veio-lhe a ideia novamente desastrada de, e embora guardando certa cautela, promover uma reprimenda na jovem, dado o volume do sobressalto disseminado por todo o castelo no decorrer daquela madrugada, tanto em serviçais, quanto nos comensais, Cavaleiros, e no próprio Arthur, seu irmão.

Buscou-a, portanto, ao raiar da manhã, quatro dias depois, com esta finalidade, abordando-a num dos terraços internos do pátio térreo, em momento no qual acariciava seu belo cavalo branco de estimação, oferecendo-lhe feno.

Destarte se perguntava ainda, relutante, como abordar com aquela moça temperamental aquele assunto difícil, e já praticamente esquecido nos comentários do cotidiano da moradia, quando, em verdade, preferia aproveitar-se daquela ocasião de folga nos seus múltiplos afazeres para obedecer ao coração e enveredar por temas amorosos, e trocar com ela beijos e carinhos, antes que Arthur inventasse para ele e os Cavaleiros mais alguma missão impossível e demorada, que os afastasse de Camelot indefinidamente.

- Alexia!

- *Milord!*... – A jovem o cumprimentou, de novo de excelente disposição, ao que, em notando-o, ele esmoreceu um tanto nos seus propósitos.

Achou-a linda, sob o sol cálido da manhã, num traje leve e primaveril que lhe realçava adoravelmente a juventude e o olhar cristalino. Perguntava-se, assim, se toda aquela luz se irradiava,

talvez, também que de alguma satisfação mórbida experimentada interiormente por algum plano maquiavélico realizado e bem-sucedido.

Mas, amava Alexia, acima de todas as certezas que pudesse guardar sobre aquelas suposições. E, mesmo, entendia-lhe o móbil das travessuras!

Alexia era diametralmente oposta a Guinevere, mulher mais velha, embora ainda da faixa etária moça, e mais vivida. Alexia seria, sim, mais calculista, esperta, e assertiva nas suas iniciativas de consequências mal sopesadas; mas, de modo algum se comparavam, aquelas diatribes antes infantis e maldosas, ditadas pelo ciúme doentio que lhe nutria, com o tipo de dissimulação madura e potencialmente perigosa existente na índole e na personalidade da rainha. Ficava claro para ele, homem já vivido, a diferença de peso existente entre aqueles dois tipos de personalidade feminina.

Mesmo assim, consciente do papel que desempenhava como Cavaleiro nomeado por Arthur para tutorar aquela jovem voluntariosa, mas de índole essencialmente amorosa e terna, forçou-se a cobrar brio para realizar ali, naquele instante, o que julgava mais correto. Ainda que a reação de Alexia fosse, de novo, a de submetê-lo a mais alguns dias de agonia amargando o peso da sua raiva e mágoa rancorosa.

Assim, não sem causar-lhe íntimo bem-estar, Alexia correu e, espontaneamente, abraçou-o, amorosa, oferecendo-lhe os lábios nacarados ao beijo intenso e demorado que ele não lhe negou, enlaçando-a, apaixonadamente. Mas, passado um intervalo, gentilmente a distanciou um pouco, entrelaçando-lhe a mão e puxando-a a um assento próximo, em ângulo mais deserto dos pátios, acendendo-lhe, com esta atitude, imediata interrogação nos olhos límpidos.

- Preciso ter um entendimento contigo!

Curiosa, com uma luz a mais acesa na expressão arguta do rostinho alvo e agora ensombrado por certa inquietude, Alexia de pronto o questionou:

- Que ar é este, que tu exhibes, depois de tantas horas sem nos vermos?!

E sorria-lhe, apesar de tudo, como numa tentativa intuitiva de aplacar-lhe alguma indisposição que previa ser fonte certa de diferenças entre os dois.

Mas Lancelot sentou-se, puxando-a para acomodar-se a seu lado, sem abrandar na expressão fisionômica certa seriedade que queria respeitada.

- Alexia... Não vou perder tempo com meias palavras para falar contigo: farei uma pergunta, e desejo que sejas sincera, em consideração ao vínculo que nos une! Tu depositaste, dias atrás, alguma substância mágica* na bebida de Guinevere, durante as refeições do dia, não foi?!

Na mesma hora Alexia recuou, com forte repulsa, ensaiando soltar-se da mão dele; mas Lancelot a conteve, gentil, mas firme, cobrando-lhe sinceridade com o olhar.

- Substância... *mágica*?! – E a voz de pronto despojou-se da ternura anterior para denunciar imediata confusão mesclada a mágoa – Mas... *a que diabos aludes, milord*?!

- Tu bem o sabes! – O Cavaleiro frisou – Aludo à síncope incompreensível que a rainha teve, em plena madrugada, bem na noite em que te puseras a brincar com o falcão de Tristan, depois do nosso retorno a Camelot!

- *Ah, é*?! – A jovem rebateu, impávida, já totalmente encolerizada, os olhos vívidos agora chispando faíscas para o guerreiro – E quem, porventura, esteve ao lado dela naquela noite, para ouvir da megera estas acusações bem urdidas a meu respeito?! *Tu, Cavaleiro*?!! – E, num solavanco, Alexia, transmutada com rapidez impressionante em autêntica Fúria, se pôs de pé num salto, disparando ainda – Agora, aliás, compreendo tudo com clareza! A medusa maldita forjou toda aquela cena, berrando escandalosamente, acordando Camelot em peso, apenas para, no fim, lançar o seu ardis contra mim! E, na certa, em momento apropriado... *tendo-te ao lado dela*... nalgum momento de distração ingênua do parvo do meu irmão!!! *Ou estou errada nas minhas suposições*?!!

Lancelot, todavia, não se via disposto a aturar novamente aquela mostra brutal de insensatez, depois de já ter experimentado na pele dose semelhante de acessos ciumentos, quando da sua volta da missão que o encurralara no episódio obscuro e já distante da taberna de estrada.

Aliás, sérias dúvidas ainda pairavam em sua mente acerca das razões reais daquele fato, nebuloso ao seu entendimento. Mas não seria ali que estabeleceria qualquer correlação útil entre as duas situações; assim, retomou fôlego para, decidido, conter Alexia naquele seu começo de acesso ensandecido. E levantou-se junto com ela, segurando-a:

- *Milady!* Com todo o respeito que te devo, como irmã de meu superior de armas, e mesmo tomando em consideração o amor que toda gente sabe que te devoto, não me sinto obrigado a aturar de novo as tuas insinuações contra a minha honra! Será que não guardas noção da gravidade do que pronuncias, quando, dominada pelo ciúme enlouquecido que te rouba a razão, despejas estas palavras destituídas de senso?! Se te cobro responsabilidades naquele episódio, é pelo que, coincidentemente, *testemunhei*, junto com Tristan, quando do nosso retorno... vendo-te brincando, com toda aquela familiaridade insólita, justo com um *falcão negro*, Alexia!! Um bicho perigoso; uma ave de rapina, de que ninguém se atreve a se aproximar sem as devidas precauções... a menos que em sendo, como Tristan é, um mestre da falcoaria!!

Alexia deu um solavanco inútil, tentando se desprender, encolerizada, em vão. A superioridade física do mestre de armas a reteve, embora ele cuidasse de não magoar aquela compleição física extraordinariamente delicada que sustinha contra si.

A isso, no entanto, a jovem já se fazia rubra, a fisionomia descomposta, o olhar preso quase que de autêntico desvairamento.

- *Foi ela!! Não ouse negar, Lancelot!! Foi aquela besta, a responsável por mais esta indisposição entre nós!! Só ficará satisfeita no dia em que, enfim, nos separar!! Porque assim terá nas suas mãos malditas, numa, o tolo do meu irmão, rei de Camelot... e, na outra, o seu mestre de armas e melhor Cavaleiro!!*

- *Alexia, meu amor!!* – Apelou o guerreiro, agora quase súplice, penalizado do grande sofrimento íntimo de que ela dava mostras – Não te será mais simples admitir, apenas?! Serei capaz de te compreender as razões, com base no teu ciúme por mim, e no sentimento que me votas!! Mas não que te ponhas a promover malfeitos traiçoeiros contra pessoas indefesas, à sorrelfa, sem assumir sobre eles, pelo menos diante de mim, a quem afirmas que ama, a tua responsabilidade, Alexia!!

Deram uma pausa, entreolhando-se. Impressionado, Lancelot, malgrado sua custosa firmeza, notava agora a moça como que encoberta por energia sombria, maligna, que momentaneamente a convertesse nalgum tipo de espectro ameaçador e perigoso.

Afrouxou o aperto, libertando-a, sob os efeitos da compaixão que se lhe assenhoreou irresistivelmente das emoções perturbadas.

Trêmula, inteiramente fora de si, a moça, enfim, desfechou-lhe um empurrão, que saiu enfraquecido para o que pretendia contra o guerreiro, dada a sua violenta comoção íntima, que lhe impunha irresistível fraqueza às forças físicas.

- *E como, Lancelot, eu despejaria poções mágicas na bebida de Guinevere de dia, e ela veria falcões à noite, se ela mesma não me viu brincando com o falcão de Tristan?!! Oh, pela deusa!!!* – Gritou - *Tu é que desvairas, ao dar ouvidos às calúnias que tua amante inventa contra mim, primeiro para o meu irmão, e, agora, justo para ti!!!...*

Destroçada de sofrimento e angústia, ato contínuo, rebentou em soluços altos, aos gritos. E, antes que o atônito Lancelot pudesse se recompor para tomar qualquer atitude, frente àquela explosão desmedida, correu a toda na direção de onde estava atrelado o seu cavalo.

Montou-o, ante a estupefação do mestre de armas, que corria agora inutilmente ao seu encontro para detê-la; e, açoitando o animal agressivamente, disparou para fora dos pátios, deixando para trás rapidamente os perímetros do castelo, sob a estupefação de vários funcionários e comensais que nada entenderam da cena que presenciavam: a irmã do rei fugindo desarvorada, a galope batido, deixando por trás de si imenso rastro de poeira, e o principal Cavaleiro da Irmandade correndo atrás dela feito um louco, berrando-lhe, inutilmente, para que parasse.

* *Bebida mágica – Tóxica, alucinógena. – Nota da Autora.*

- *Com o devido respeito que te devo, tu és um insensato, milord!* – Lamuriou-se Prachna, angustiada, envolvendo-se rapidamente num xale que a resguardasse da friagem do cair da tarde para ir ter com Arthur. Fora ela, a primeira pessoa a quem ocorreu ao guerreiro recorrer em busca de socorro na situação inaudita, já que cuidava de Alexia desde a infância, e a conhecia como ninguém, talvez atinando, deste modo, com o seu provável paradeiro – Que fizeste tu, que não montaste, saindo no encalço dela?! Poderia ter exposto todo o problema a mim, antes de assacar contra a jovem as tuas desconfianças descabidas! Não conheces o temperamento de *milady*?!

Ofegante da correria, contudo, Lancelot gesticulou, meneando, perdido.

- Ela se distanciou rápido demais! O tempo que gastaria buscando e encilhando meu cavalo seria o suficiente para perde-la de vista, de qualquer jeito!

Mas a ama limitou-se a dar um muxoxo despercebido, proferindo uma praga em surdina, antes de se retirar em busca do soberano com o mestre de armas no seu encalço, no auge da aflição.

- *Traste...* – Sussurrava para si.

Malgrado isso tudo, nem mesmo a experiente Prachna não suspeitaria, ali, naquele minuto tenso, até que ponto ia engenhosidade bem urdida de sua pupila, em momentos de travessura endiabrada nos quais queria atormentar Lancelot, como se punindo-o com justeza pelo que entendia, nele, como um fraco pela esposa de Arthur.

Não lhe ocorreria nunca que mesmo aquela fuga espetacular era parte de um plano, por ela bem engendrado, no qual, todavia, no fim cairia como vítima, na sua imprudência, porque a tarde já declinava, gelada, e ela não dominava tanto assim as artes da montaria para sair-se bem, cavalgando colinas afora em meio às sombras da noite.

Ciente da situação lamentável, com Prachna se desmanchando em desculpas, ajoelhada diante de si, e Lancelot eximindo-a por completo e assumindo para si toda a culpa, embora resguardando para depois maior detalhamento do que apenas mencionou como mais um desentendimento sério havido entre ele e a jovem, Arthur, sem querer perder tempo sem proveito com averiguação de responsabilidades, passou de imediato ao planejamento e à execução de uma missão de busca e resgate, reunindo vários dos Cavaleiros, e da qual Lancelot fez questão de tomar para si o comando.

Sob palavra de honra, prometeu a Arthur voltar com Alexia dentro do prazo mais curto que lhe fosse possível, para isto não poupando nem horas de sono, nem cansaço, nem o próprio sangue.

Reuniram-se a ele, sob o mesmo juramento e promessas, Gawain, Galahad, Tristan e Dagonet, e, nem caída ainda por completo a noite em Camelot, disparavam a galope desenfreado para fora dos portões da fortaleza, desaparecendo no frio e na escuridão noturna.

- Assumimos com sinceridade a missão, por estima a Arthur e pela pobre moça! Mas, que se diga, Lancelot: tu arranjas tuas brigas amorosas, e o ônus da encrenca acaba caindo em cheio sobre todos nós! Case-se de uma vez com ela, por amor da deusa, e, com isso, dê a toda Camelot um pouco mais de sossego! – Ironizava o irreverente Dagonet, enquanto se distanciavam rapidamente pela estrada sinuosa e deserta que, colina abaixo, sob as rajadas de vento gélidas do começo de noite, os levava para um rumo que o chefe da missão seguia, àquela altura, apenas intuitivamente.

- Casamento?! – Riu-se Galahad, no seu estilo irônico usual – Lancelot, sem poder fazer mais filhos nas mulheres de Gawain e Bohrs, como ele se gaba?! – Deu uma gargalhada maligna - Quando isto acontecer, Dagonet, este dia, sim, será o último de Camelot!

No entanto, agora sério, verdadeiramente triste e receoso, o mestre de armas se manteve silencioso, e não deu trela às provocações dos parceiros, dominado por temores e por pressentimentos ruins inspirados pela lúgubre e gelada escuridão noturna dos vales.

A madrugada inteira decorreu, deste modo, com buscas infrutíferas, e de resto prejudicadas pelas névoas compactas que, baixas sobre os vales e rincões, dificultavam-lhes, quase que até à impossibilidade, buscas de fato eficientes.

Não lhes restou alternativa, a certa altura, que não darem necessária pausa e descanso aos cavalos exaustos, e aguardarem pelo menos as primeiras claridades, que lhes permitissem uma varredura visual mais esmiuçada e com maiores chances de sucesso.

Assim combinaram, e Galahad e Gawain entregaram os corpos esbagaçados de cansaço a autêntico desmaio, ressonando por algumas horas ao pé de uma colina, perto do qual se valeram de um rio para matar a sede das montarias.

Lancelot não pregou o olho, recostando-se, combalido de corpo e de espírito, no tronco de um carvalho colossal. E Dagonet e Tristan, então quietos e respeitosos das angústias evidentes do mestre de armas, descansaram por ali, cada qual entregue aos próprios pensamentos e à espera do comando de prosseguimento da missão.

Não sabiam que, metido em pensamentos que lhe rescaldavam a mente incendiada, desde a saída de Camelot, Lancelot já se recriminara e maldissera milhares de vezes, roído de remorsos pela atitude mal pesada de procurar Alexia para aquele entendimento infeliz.

Afinal – remoía-se – Se ela houvesse, afinal, confessado ter feito de fato aquilo de que desconfiava, qual teria sido o proveito real de tudo, e a atitude mais adequada a adotar para com aquela jovem de conduta impossível, e por quem se reconhecia, irremediavelmente, dominado pelo sentimento amoroso mais avassalador?!

Repreendê-la?! Ou, pior – romper com ela temporariamente, a título de castigo numa menina insolente?!

Não! Nem mesmo admitiria a hipótese, que acabaria por flagela-lo mais, em primeiro lugar!

Então, que espécie de mau espírito lhe insuflara a ideia cretina de exaspera-la daquele jeito, a troco de nada, e por um episódio que, sem bem refletido, nada mesmo lhe dizia respeito diretamente, como o havido naquela madrugada insólita com Guinevere?!

- *“Não a enfaties nem exasperes mais, Cavaleiro, pois não é tua inimiga!”...*

Para piorar tudo, a lembrança do vaticínio agourento da velha da taberna inesperadamente voltava a assombrá-lo, naquele momento crítico!

E tanto mais o flagelava, por reconhecer que, naquele episódio de então, fizera exatamente o contrário do que lhe aconselhara a velha - obtendo como resultado extremamente infeliz aquele resgate desesperado da jovem, do qual tomava a frente agora!

Suspirando doloridamente, Lancelot fechou os olhos, recostando-se no carvalho frio e sussurrando para si mesmo, em tom sofrido:

- *Alexia! Onde tu foste parar, Alexia?! Ainda acabarás me enlouquecendo! Por favor, apareça!...*

Entrementes, a manhã enfim raiou, e, sem esperar muito, os Cavaleiros retomaram caminho pela estrada esbatida de terra que marcava o trajeto através da sequência sem fim de colinas e escarpas da Bretanha, ganhando lugarejos, e pedindo informações em cada um deles.

Até a metade do dia, não haviam obtido nada que ao menos lhes desse esperança. Até que, passadas as horas naquela busca angustiante, em dado momento, ao solicitar orientação a moradores de uma pequena aldeia às margens de um vale de cultivo salpicado de rebanhos de ovelhas e carneiros, um menino que os escutava por ali se aproximou, com certa curiosidade, embora bastante retraído.

- Hm... Co... com a sua licença, *milordes...*

Os Cavaleiros interromperam o diálogo rápido que mantinham com a mulher de um fazendeiro para, relutantes embora, dar atenção ao menino.

- Que queres, garoto? Temos pressa, e não podemos perder tempo com bobagens agora... – Notou Gawain, mostrando certa impaciência originada no cansaço.

- M... mas... não é bobagem, senhor! Ouvi um de vós perguntando por uma moça da Corte... E... ainda agora, soube de um rebuliço, acontecido a pouca distância daqui... – E ele trocou de mão o ancinho que segurava, para apontar em certa direção, ao sul – Naquela direção, onde existe uma ribanceira dando para dentro do rio! Alguém dizia ter achado, caída dentro do mato, uma jovem, bem vestida, mas muito machucada! Aparentemente, ela tombou enquanto cavalgava, pois, por perto, ainda se via um cavalo de boa raça, branco, que por ali ficou, pastando, sem querer, pelo visto, afastar-se de sua dona!...

- *Quem a acolheu?!!* – Perguntou logo Lancelot, cravando no garoto o seu olhar incendiado, ofegando.

- Pelo que ouvi... o estalajadeiro do lugarejo, *milord!* Isto aconteceu durante a madrugada, e, sem saber ao certo de quem se tratava a moça, já que estava desmaiada, a família a acolheu, até que pudessem descobrir de onde veio e...

- *É ela!!* – Exclamou o mestre de armas, eletrizado, o olhar relampejando para os outros que, sem demora, o seguiram, ao disparar estrada afora sem ao menos despedir-se dos circunstantes a quem haviam interpelado antes.

O menino recuou, assustado da reação dos Cavaleiros, e os demais aldeões o acompanharam, receosos.

Antes de seguir com o grupo, todavia, Galahad, dirigindo ao garoto um sorriso grato, ainda se lembrou de atirar-lhe algumas moedas, a título de gratificação.



- *Poção mágica!... Poção mágica!... Lancelot... tu me deste uma poção mágica!...*

Foi neste estado delirante, ardendo em febre, adoentada pelo clima gélido que tivera que suportar por horas seguidas, exposta, naquelas vestes finas, à friagem da madrugada, que os Cavaleiros, afinal, encontraram Alexia, ferida e abrigada na choupana humilde do estalajadeiro de uma aldeia oculta no meio de um aglomerado de colinas situadas a alguns quilômetros de Camelot.

Tão logo os guerreiros apearam, correndo, após alcançarem o local, orientados pelas informações de moradores que haviam presenciado o acontecido no raiar do dia, foram recebidos pelo homem aflito, que, de resto, estivera insone com toda a sua família desde que se dispusera a abrigar a jovem ferida encontrada por um passante, mercador noturno que retornava de suas andanças antes das primeiras horas do clarear do dia.

- Entrem, *milordes!* Por favor! E não reparem na simplicidade da casa! Acomodamos a moça da melhor forma que nos foi possível, mas jamais imagináramos que se tratava de algum membro da nobreza! *Por Cristo!* Não sei como foi, esta jovem, dar nestas redondezas, pela madrugada adentro! Ela está muito machucada! Mas estivemos cuidando dela do melhor modo que pudemos!...

O homem torcia as mãos enquanto falava, nervoso.

Entrando atrás dele, num ímpeto Lancelot avançou, seguido pelos outros, no auge da agonia e da inquietação ao avistar, sobre um leito tosco postado num canto do cômodo humilde da moradia, a irmã de Arthur, pálida como mármore, acomodada no catre e sendo cuidada atentamente pela mulher do aldeão.

Ela olhou-os, surpresa daquela súbita invasão em sua moradia; e levantou-se de um impulso, recuando, junto com duas filhas que a ajudavam a providenciar água e compressas com que, apostas na frente de Alexia, tentavam aplacar pelo menos um pouco a febre devoradora que a consumia.

O marido acalmou-a pelos visitantes inesperados.

- Sossega! São Cavaleiros, em missão de busca da moça! – E abanou a cabeça para a mulher agora tomada de espanto, impressionada – Trata-se de gente da nobreza, Evelyn!...

A mulher apenas se manteve esquadrinhando os visitantes, com os olhos arregalados, e impressionada de ter em sua casa, daquela maneira repentina, aqueles homens dos quais toda a Bretanha ouvia falar, embora muitos sequer os tivessem visto, tendo-os mais em conta de personagens heroicos, de contos de fadas. As filhas, do mesmo modo, se retraíram, e, a um gesto imperativo do pai, se ausentaram rapidamente, para providenciar água para saciar a sede dos visitantes.

Sem perder tempo, angustiado, Lancelot se acercou do leito e sentou-se ao lado da jovem, levando-lhe à frente escaldante uma das mãos, e afagando-a, completamente atônito.

Rodeando-o, os demais guerreiros se entreolharam, como se dissessem que já saíam no lucro, àquela altura, no tão-somente ter enfim encontrado a moça, já que, sem expressarem seus piores temores nas últimas horas, pelo menos uns dois deles temiam que talvez já estivesse morta, caída nalgum buraco daqueles rincões profundos das colinas.

- *Alexia!* – Ele exclamou, e Galahad, penalizado, julgou entrever nos olhos profundos do amigo lágrimas a pulso contidas pela têmpera briosa do principal Cavaleiro de Arthur – *Alexia! Não se preocupe com nada! Já te encontramos, e haverei de cuidar de ti!* – Completou ele, reclinando-se, e murmurando aquelas palavras em seu ouvido, ansioso; todavia, sem dar mostras exatas de que o compreendia, a jovem

apenas resvalou nele um olhar vago, ausente, para repetir a mesma cantilena que desde que fora achada desabafava sem parar, sem o menor sentido para quem a ouvia:

- *Poção mágica! ... Lancelot, tu me deste!... Guinevere me deu uma poção mágica!...*

Tristan meneou, comentando, com maior tirocínio sobre a situação, enquanto, próximos dali, o estalajadeiro e a mulher apenas assistiam a tudo, dominados por assustadiço estado de admiração do que acontecia dentro da sua moradia.

- Lancelot, ela está fora de si, e ardendo em febre! De nada adianta dizer-lhe qualquer coisa agora! Não devemos perder mais tempo! Vamos leva-la de volta a Camelot, e entrega-la, sem mais demora, aos cuidados do médico! Arthur deve estar aflito, querendo notícias do paradeiro da irmã; e depois tu terás todo o tempo do mundo para entender-te com ela!...

Aquelas palavras devolveram ao mestre de armas a lucidez, para retomar a frente da missão e das iniciativas.

De pronto, ele concordou com Tristan. E disse a Galahad e a Gawain:

- Sigo com Tristan e Dagonet, levando-a comigo! E vós deveis se anteciparem a nós, informando a Arthur da conclusão de tudo, e que chegaremos em seguida! Peça-lhe, Gawain, que imediatamente coloque o médico da Corte de prontidão!

- Haverá de convocar Merlin, também... – Opinou Gawain; e, sem demora, trocando com Galahad um assentimento mútuo, deixaram a cabana e correram para as suas montarias.

O mestre de armas, condoído, ainda se inclinou uma última vez para a alheada Alexia, dizendo-lhe aos ouvidos, por entre beijos disfarçados, antes de recolhe-la nos braços, com a ajuda dos outros dois guerreiros, e acomodá-la consigo sobre a montaria, para a viagem de retorno.

- *Perdoe-me, Alexia! Perdoe-me! E, por favor, fique bem!...*

Recompensaram, por fim, condignamente o casal que a haviam acolhido e cuidado, e, sem perderem mais tempo, retomaram o caminho de volta para Camelot.

Ж

Prachna largou um grito pungente, e levou ambas as mãos à cabeça, quase em vertigem, ao dar com a cena deprimente do Cavaleiro Lancelot invadindo às pressas o amplo corredor de acesso ao escritório onde, naquele instante da manhã, Arthur se achava em conferência com dignitários, carregando ao colo, aflito, uma esvaída, febril e delirante Alexia.

Atrás dele, também contristados, embora seguros, seguiam seus parceiros de empreitada na busca da moça, suados e poeirentos da cavalgada desabrida de horas a fio pelas estradas afora. E ela se pôs a correr atrás deles, proferindo perguntas desconstruídas, na ânsia de saber dos detalhes do resgate.

Impaciente, Tristan fez-lhe um gesto firme para que sufocasse o falatório para outra hora.

No caminho, passaram por uma agora curiosa Guinevere, que também, discretamente, se lhes colocou no encalço, desejosa de presenciar o desfecho de um acontecimento que, desde o princípio do seu desenrolar, vinha roubando a serenidade e o ânimo de seu marido e então soberano da Bretanha.

Ofegante, suarento, sem nada ver, Lancelot entrou pelo escritório adentro sem se fazer anunciar, ruidosamente; e Arthur, a isso, se levantou, num impulso.

Compreendendo de imediato a urgência do que levava o mestre de armas da Irmandade a se conduzir daquele jeito arrebatado, sem perder tempo, com um gesto breve e poucas palavras despediu os circunstantes em entrevista naquele horário; e, com outro, cobrou, de um assessor próximo, a presença de Frowein, o facultativo do castelo, que desde a chegada dos primeiros dois Cavaleiros antecipando a notícia de se ver Lancelot voltando às pressas trazendo a jovem adoentada, se encontrava de prontidão, à espera para agir.

- **Alexia!** *Alexia, minha irmã!! Por Cristo!!... Que arranjaste para ti mesma?! – O líder bretão, de um impulso, exclamou, se acercando da moça, enquanto Lancelot a reclinava gentilmente num assento confortável das proximidades, tendo os olhos imperceptivelmente úmidos.*

Mas Alexia ainda nada percebia com clareza, repetindo a mesma cantilena incompreensível de quando os Cavaleiros a encontraram no vilarejo distante, já naquele estado deplorável.

Lancelot, brioso, logo se adiantou a assumir as responsabilidades do episódio lamentável, perante o amigo e chefe .

- A culpa disso é minha, Arthur! Perdoa-me! Não venho sabendo lidar de modo adequado com os acessos temperamentais de Alexia! – Confessou, meneando, em grande e visível estado de aflição íntima, mas Arthur agora se via inteiramente compenetrado das urgências do momento, e, ignorando por enquanto a declaração honesta do guerreiro, fez para Frowein, já presente, um gesto decidido, para que se aproximasse.

O ancião obedeceu de pronto, e os circunstantes abriram espaço.

Prachna soluçava convulsivamente, impressionada do aspecto debilitado e da palidez ameaçadora se refletindo no todo da jovem, sempre tão vivaz, e dotada de um fôlego aparentemente imbatível na sua compleição psicológica. O médico inclinou-se para a moça, examinando-a, percuciente, e de imediato passou a cuidá-la.

No entanto, logo quando começou a prestar os primeiros e devidos socorros, alguém mais ganhou o ambiente da sala, altivo, e falou, em entonação decidida que impôs a todos imediata atenção.

- Arthur! Deixem-me com Alexia, todos vós! Sei o que fazer, e cuidarei dela!

Arthur empertigou-se, ante a pronta e respeitosa surpresa de todos.

De certo modo, sentiu-se aliviado com a presença do mago de Camelot, cujos vaticínios e serviços daquele teor nunca falhavam, em quaisquer circunstâncias que fossem, pois os métodos de Merlin residiam noutros recursos que, de um modo geral, ninguém, ou quase ninguém, conhecia naqueles tempos.

- Merlin! Sê bem-vindo! Com prazer te confio minha irmã, se me assegurares que a devolverá às boas cores e à saúde!

O mago deteve-se no meio da sala, apoiado em seu cajado. E relanceou o olhar profundo nos demais presentes.

- Vós, todos, deixeis-me a sós com o rei e com sua irmã!

Os Cavaleiros entreolharam-se. Prachna, embora no auge da agonia, de pronto obedeceu, cruzando, na sua saída, com a ainda curiosa Guinevere, parada na entrada, a assistir tudo sem ousar emitir opinião ou pensamento.

Arthur fez um movimento para a esposa, que, em alcançando-lhe o significado, atendeu-o logo, retirando-se também, sem questionar; e, por fim, os Cavaleiros a seguiram, embora Lancelot a custo se arrancasse de perto do alvo de seus sentimentos.

Cruzando com Merlin antes de sair, o Cavaleiro dirigiu-lhe uma súplica pessoal:

- Rogo-te, Merlin! Devolva Alexia à saúde, e hei de bendizer-te pelo resto da minha vida!

- Melhor farás, depois disso, em conduzir-te com maior sabedoria com ela, do que bendizendo-me, Cavaleiro, mas sossega! E agora, deixa-me exercer o meu ofício, porque cada instante perdido compromete as chances de recuperação da moça!

Abatido, pálido, Lancelot apenas consentiu, com breve meneio, retirando-se, impressionado. E Arthur, de seu lado, com a saída do amigo, aproximou-se do mago, enquanto este, sem mais demoras, avançou, decidido, até onde repousava a jovem, ainda ardendo em febre e a proferir palavras desconstruídas.

- Que queres significar? É tão grave, assim, o estado de minha irmã?

Merlin relanceou-lhe os olhos escrutinadores, em cujo brilho se lia a mesma e inalterável serenidade de sempre.

- Tua irmã tem a mente em desordem, e perdeu a vontade de viver! Eis o que a mina por este modo! Ouviu do teu mestre de armas palavras das quais captou erroneamente todo o sentido, como se tivesse ele se pronunciado em outro idioma! Então, meu rei, deixa-me arrumar, como se deve, a mente dela, antes que seja tarde demais, e tu a percas! – E, para certa surpresa de Arthur, rogou, embora respeitosa – Peço-te que também tu nos deixes a sós!...

Lá fora, os demais achavam-se todos espalhados pelas cercanias da grande ala daquele setor elevado do castelo que, àquelas horas, recebia, através das colunatas, os primeiros raios sedativos do calor do sol.

Os Cavaleiros agrupavam-se num canto, trocando ideias, a exceção de Lancelot, acuado num canto, e consumido por pensamentos que o mortificavam profundamente. Prachna ainda chorava, desconsolada, do outro lado do pátio, e Guinevere, observadora, silenciosa, aproximou-se imperceptivelmente do Cavaleiro deprimido, assentado perto de um caramanchão no canto do terraço.

- Que tu possas ter feito à minha cunhada, mestre de armas, para que daquele jeito te acuses de culpa pelo que lh'a acontece agora, diante do rei?!...

Havia certa nota irônica na entonação com que falava, embora denotando respeito sincero pelo autêntico pesar de que Lancelot dava mostras; todavia, o rapaz não se achava com a menor disposição para trocar impressões justo com a rainha, naquele minuto tenso.

Ele se levantou, encarando-a, respeitosa, mas taciturno.

- *Milady*, perdoe-me se não te posso responder adequadamente agora; mas, sinceramente, não me acho na melhor disposição para palestrar contigo neste momento, em particular! Fui eu quem conduzi até aqui a irmã de Arthur, grandemente debilitada de corpo e de alma! E preocupo-me, com sincero pesar, pelo seu estado de saúde! Portanto, com a tua licença, prefiro recolher-me ao isolamento, a ser, talvez, desleigante no meu modo de atender ao teu diálogo!...

Largou de supetão esta declaração, como se ansioso por livrar-se da sua presença e daquele entendimento inusitado que o molestava ainda para além do que já se via amofinado interiormente. E, ante o assentimento mudo da mulher de Arthur, ensaiou afastar-se. Mas Guinevere ainda comentou, em tom dúbio, às suas costas, enquanto o via dirigir os passos rápidos para junto dos demais guerreiros, agora somente silenciosos, e reunidos em expectativa.

- Seria difícil, para qualquer homem, conduzir satisfatoriamente, e com segurança, um envolvimento amoroso com Alexia, Cavaleiro! Portanto, não te consumas tanto, e nem te culpes pelo acontecido!...

Mas, ouvindo-lhe as palavras significativas, Lancelot teve a nítida convicção de que ela sorria, estranhamente, ao se expressar daquele jeito.

Entrementes, todos silenciaram, quando também Arthur, claramente abatido, deixou o escritório, a pedido de Merlin, e se juntou a eles naquele *hall* amplo do palácio.

- Confiemos em Merlin... – Ele logo comentou, a despeito do seu desânimo, para os que se lhe acercaram, ansiosos. – Em toda Camelot, não existe quem melhor nos ofereça garantias de sucesso num impasse como este!...

Na saleta, afinal desembaraçado para agir com maior desenvoltura, Merlin suspirou, voltando-se para a jovem pálida qual mármore, ainda acomodada confortavelmente no assento onde resvalava, inquieta, de um lado para outro, balbuciando dizeres incompreensíveis. Largou seu cajado apoiado próximo ao móvel, e, se aproximando, e agachando-se a seu lado, impôs-lhe uma das mãos envelhecidas, porém vigorosas, sobre a fronte rescaldante.

A isto, como num passe de mágica, ela teve o seu olhar vago, esgazeado, atraído para o seu cuidador, que, depois de pronunciar alguns termos enigmáticos de esconjuração, se pôs a falar pausadamente, como se a um só tempo conversasse e recitasse para a paciente alguma prédica, dotada de efeito poderoso específico:

- Criança tola! Tu és minha cria, Alexia! Mas já começa a me inspirar cuidados, porque teus modos vão se tornando perigosos, aos poucos, e antes de qualquer coisa, contra ti mesma, atraindo, como vens fazendo, influências invisíveis zombadoras, com os teus modos pouco avisados! Teu mal não é do corpo, mas dos sentimentos! E já me cansa testemunhar as tuas traquinagens sem poder interferir, porque me sinto responsável por ti, tendo te ajudado antes, como o fiz, a desenvolver os teus dons incomuns! – E, como se agora ela somente arquejasse, começando a porejar intensamente pela fronte um suor frio, que o mago ia secando com um lenço apropriado, que exalava forte odor de um determinado tipo de erva tida como refratária contra mau-olhado, retirado de seu fardel, ele deu breve intervalo no discurso. Pronunciou mais alguns termos insólitos, em surdina, e continuou, como se a um só tempo monologasse e se dirigisse, não àquela Alexia que tinha diante de si, doente e combalida – mas, mais propriamente, ao seu espírito, lúcido noutra dimensão perceptiva qualquer – Aprende, então, criança, de uma vez por todas, a fazer a diferença entre o fiapo de nuvem inofensivo, que apenas se esvaí nos céus, e a tempestade sombria que de fato é de molde a desabar sobre a tua cabeça! Lancelot é um homem... E os homens sempre serão feitos de matéria essencialmente diferente das mulheres! No fim, ele busca o mesmo que todos os outros, como borboleta atraída pela luz, mas tu és o único caso diverso na vida dele, porque és a *contraparte da sua alma*, e, quanto a isto, não existem duas! Então, *sossega!* – Sentenciou - Encerra de uma vez por todas esta batalha estúpida que travas, no fim das contas, contra ti mesma em primeiro lugar, fazendo-o sofrer também, por extensão, para além do que merece! Já o puniste o suficiente pela traição que tu julgas que ele consumou! E a rainha há de ser personagem que ficará para trás, tão logo vós vos caseis, seguindo o vosso destino, que repousa longe daqui!...

À medida que Merlin falava, pausadamente, com rapidez milagrosa o aspecto esvaído, desfalecente de Alexia ia como que serenando, e entregando-a a repouso franco e enfim reparador.

O olhar que lhe deitava, de início vago e alheado do lugar onde estava, e do momento presente, foi se abrandando, e, ao final do discurso do velho, como que apenas o contemplava ternamente, enquanto um sorriso leve, infantil, brincava-lhe nos lábios antes empalidecidos que então iam se colorindo com leve tom rosáceo, e mais próximo ao que era o seu saudável aspecto carminado.

A providência se estendeu por cerca de vinte minutos. Ao cabo de meia hora, portanto, o mago deu-se por satisfeito, e, após esfregar-lhe cuidadosamente por braços, pernas, fronte e colo compressas embebidas em substância medicamentosa de seu exclusivo uso e conhecimento, com algum esforço ele se empertigou, observando durante alguns instantes a mais, atento, os resultados de seus cuidados.

Quando notou a moça enfim entregue a um estado reputado por sua análise percuciente como de franca convalescença, retomou o seu cajado, e dirigiu-se, a passos tranquilos, para a porta, descerrando-a e indo ao encontro dos circunstantes que, ainda mergulhados em fundo estado de aflição, esperavam pelo término de sua intercessão, e pelo seu veredicto.

Mas o mago falou pouco, para surpresa de todos, e de um modo discricionário compreendido somente pelos principais dos personagens a quem interessava o final daquele drama, imersos em dolorida expectativa.

- Tua irmã está curada! – Anunciou, olhando diretamente para Arthur, em cujo semblante se acendeu, de pronto, um sorriso de desafogo, mas, antes que o bretão apresentasse ao velho solene os seus

mais veementes agradecimentos, acompanhados do convite adequado para que permanecesse no castelo para dividir o jantar noturno, Merlin desviou-se, fixando-se agora diretamente sobre o atento Lancelot, parado ao lado no auge do desassossego e do nervosismo – Quanto a ti, mestre de armas, convém que te conscientizes da necessidade de parar de querer decifrar de modo infeliz o móbil das atitudes de Alexia, por mais que te aparentem ser destituídas de senso, e que te testem a paciência! Compenetra-te de que, na tua posição de toda uma vida de guerreiro truculento, e tendo a visão da alma totalmente obscurecida para coisas outras, que não pertencem ao teu acanhado entendimento pagão da vida, jamais disporás de meios eficientes para lidar com esta jovem de modo minimamente sensato! Alexia não é a filha de nenhum campesino xucro, e nem mesmo alguma das jovens cortesãs, cheias dos coquetismos e caprichos aos quais te vês habituado nas tuas aventuras e conquistas baratas! Então, se de fato te apraz conservar a tua ligação com a irmã do teu líder e soberano, age, diante dela, antes como o Cavaleiro, do que como o amante, ou o pai ou marido disciplinador!...

E, antes que qualquer um dos presentes pudesse pensar ou dizer qualquer palavra ao que o mago sentenciara, de cima da solenidade habitual de suas atitudes, Merlin se curvou respeitosamente diante de Arthur. Aceitou com polidez o convite para pernoitar e cear com a corte, e pediu licença para se retirar aos cômodos, nos quais de costume se hospedava.

Ж

Após três semanas, Alexia ainda se achava em convalescença, lenta, mas franca. E isto enchia o Cavaleiro Lancelot tanto de impaciência quando de surda inquietação, porque fora de ordem expressa de Merlin que, durante aquele período, absolutamente nada a exasperasse, ou retirasse do ambiente de sossego absoluto que se requisitava para o seu pleno restabelecimento.

Nisso, desta feita, estavam incluídos os seus encontros com o guerreiro, para os quais o mago só recomendara a Prachna autorização quando a moça, para tanto, se mostrasse forte e lúcida o suficiente, e, principalmente, disposta, desde que se notasse em sua conduta serenidade e bom senso bastante para o cometimento.

Esta determinação, que Prachna cumpriu, enérgica e à risca, apesar dos subterfúgios engendrados pelo mestre de armas de Arthur para driblá-los, sem sucesso, tanto exasperou-o, quanto, noutra medida, roubou-lhe o sangue frio, o que se evidenciou a cada minuto daqueles dias nos quais, sob as suas impressões pungentes, o tempo lhe aparentava passar com lentidão enlouquecedora, provocando-lhe, na convivência com os Cavaleiros, um estado de ânimo praticamente impossível de se suportar com a devida tolerância.

O único que lhe aturava os acessos de mau gênio e rompantes irritadiços era Tristan, de dentro da sua fleuma inabalável de lidador de falcões. Era com ele que Lancelot se confidenciava durante aquelas semanas, no final das contas, e se reportando sempre ao episódio final, havido no arremate do drama da fuga e resgate da irmã de Arthur, que permanecia roubando-lhe a serenidade e a capacidade de repouso mental.

- Precisava entender a que Alexia se referiu naquele dia, Tristan! Será que ninguém me entende?! Merlin desconversou, quando depois o abordei sobre o assunto outro dia, e, de resto, proibiu-me terminantemente de tocar neste assunto com ela! Mas, como evitarei isto?! Tu me entendes, sei que sim! Estavas comigo naquela maldita noite na taberna! Ouviu o que falou aquela velha infame, que foi exatamente o que Alexia acabou repetindo para mim, ainda abatida naquele sofá do escritório de Arthur, quando quis revê-la, após ser cuidada por Merlin!...

- Já sei: *“dezesseis séculos, Lancelot! Ficarás dezesseis séculos sem mim”!* – Tristan recitou a mesma ladainha que já ouvira do mestre de armas inúmeras vezes nos seus instantes de desabafo, durante aquela quarentena imposta longe da jovem, quando bebiam, ou como naquele momento, antes de dormir, recolhidos no dormitório do castelo onde se acomodavam os Cavaleiros, quando em período de serviço. – Entendo tua perturbação, *milord*, e, acredite, não a julgo destituída de senso, porque, de fato, estava lá, contigo, na ocasião da velha da taberna! Difícil que isto seja apenas uma coincidência, mas, de outro lado, pondera! Tu ouviste o que te disse Merlin! Tua Alexia é uma mulher incomum, e te arriscarás a perde-la, se não souberes te conduzir perante ela com a devida frieza e sensatez!

Lancelot virou-se no leito que ocupava para olhar para ele, inconformado.

- Tu, Tristan, aguentarias engolir esta história a seco, sem buscar para ela uma explicação?! Coloque-se no meu lugar!

Tristan estava deitado de costas, com as mãos sob a cabeça, olhando, pensativo, para os céus profusamente estrelados daquela madrugada fria, entrevistados através do gradeado branco do cômodo amplo que ocupavam. Os demais Cavaleiros, espalhados por ali, não se davam mais conta daquela conversa travada em surdina, porque já ressonavam àquelas horas, esgotados pelo cansaço; e, também, habituados às recorrentes trocas de confidências entre o mestre de armas e seu principal amigo depois de Arthur, nenhum deles tinha mais paciência para acompanhá-las, àquela altura.

- Não sei, Lancelot! Penso que não. Mas, certamente, esperaria bastante, se fosse necessário, para abordar este assunto com a moça, *apenas no momento certo!* – E voltou-se também, olhando para o Cavaleiro que o ouvia atentamente, em expectativa, estirado no leito do outro lado do quarto – *Apenas no momento certo*, compreendeu? Procure esperar com paciência! – Sugeriu, inspirado por um palpite que lhe pareceu mais apropriado, naquele momento, para ajudar o outro a recuperar ao menos parte de seu sossego, e enfim relaxar e dormir.

E Lancelot, por ora, calou, sem comentar mais nada, pensando no que o arqueiro lhe dissera.

Decorreram mais dois dias.

No terceiro, durante a tarde, quando trocava com um trabalhador do estábulo do castelo impressões sobre um ferimento existente na pata dianteira do seu manga-larga negro, Lancelot pressentiu alguém se lhe aproximando pelas costas, e voltou-se.

Surpreso, deu com Prachna, olhando-o com expressão indefinível, e que logo lhe pareceu algo casmurra.

- Que me queres?! – Indagou, com rispidez, da mulher por quem já de há tempos vinha nutrindo invencível antipatia, devido a resistência impertinente com que, fiel, ela vinha cumprindo à risca suas funções de resguardar Alexia de seu acesso, de maneira praticamente hermética.

- *Vale!!* – Exclamou a cuidadora, de fato dominada por visível má disposição, mas o guerreiro percebeu, com certa surpresa, que aquilo se originava noutra situação – Que não aguento mais choramingas, desaforos e maldições contra a minha pessoa! Tua Alexia é mesmo terrível, *milord!* E já passo a dormir mal e a ter pesadelos com ela, que, desconfio, me são insuflados, de algum modo, por ela mesma, aquela temível e pequena feiticeira! Finalmente, então, - Ela suspirou, concluindo, sobretudo atormentada e exausta interiormente, como se a dizer que tinha seus recursos esgotados, e que dava sua missão junto ao restabelecimento da irmã do rei cumprida - ... penso que ela só sossegará por completo agora, se enfim conseguir te avistar, segundo vem me azucrinando por todos estes dias! Então, vim até aqui apenas para informar-te, *milord*, que tens, junto à pequena fera, passagem livre! *Não aguento mais!* Que Cristo me resguarde, e o rei me compreenda!...

E saiu, retorcendo as mãos, contrariada, sem querer esperar por nenhuma resposta do guerreiro, e, portanto, também sem ver o irresistível sorriso de extraordinário alívio que lhe assomou aos lábios, assim que ouviu o que tinha a lhe dizer.

Lancelot saiu às pressas, agora esquecido do manga-larga, deixando-o entregue ao cavaliariço que ali ficou sem nada entender com exatidão.

Correu aos seus aposentos. Precisava se aprestar com especial apuro para o tão ansiado reencontro com a sua amada.



Todo o resto da tarde foi gasto pelo principal Cavaleiro da Távola revistando Camelot para todo lado, na tentativa obcecada de encontrar a jovem. Julgando que afinal todas as diferenças haviam ficado para trás e que, sem mais restrições, seria bem acolhido, de balde o guerreiro indagava daqueles com quem se deparava sobre o paradeiro da moça, em vão.

Não imaginaria Lancelot que, ainda ali, ao final de tudo, a temperamental irmã caçula de Arthur ainda deleitava-se com uma pequena desforra final, agora com base nas recordações pungentes que sobreviviam no seu coração, do que considerou-lhe como atroz afronta naquela tarde longínqua em que lhe cobrara explicações sobre os transtornos havidos de madrugada com os pesadelos barulhentos da rainha Guinevere.

Aquilo, em si, fora o que mais a transtornara! Porque, magoada, ferida no seu amor pelo Cavaleiro, julgara, naquele seu zelo inesperado, talvez que a existência dissimulada de algum sentimento mais sério pela mulher do irmão, que o levava a zangar-se, por julgar ter sido, ela, e de algum modo, responsável pelos delírios incompreensíveis que levaram Guinevere a gritar estentoricamente, altas horas da madrugada, acordando o castelo inteiro.

E a simples suspeita fora demais para a sua capacidade de suportação! Porque, enquanto se acreditava na posse das rédeas do coração do rapaz, a despeito das suspeitas nebulosas de algum suposto caso sem consistência havido entre ele e a rainha, sentia-se segura da situação, sem maiores melindres. Mas, no momento em que, direta e assertivamente, ele a intimava, com explicações e reprimendas pela possibilidade de ter, ela, de caso pensado, molestado a rainha, à sua mente apesar de tudo imatura e inexperiente compareceu, aquela atitude, como comprobatório cabal de preocupações e sentimentos inconfessáveis do Cavaleiro pela saxã! E aquilo arruinara-lhe com a autoestima, de um único e impiedoso golpe, levando-a a adotar a atitude destemperada e agressiva com que o agredira naquele momento, fugindo, ato contínuo, sem rumo certo!

Fora este, portanto, o cerne de seus sentimentos, que Lancelot não conseguiu alcançar na época, martirizando-se intensamente por isso; por deduzir, nalgum pormenor indefinido da sua iniciativa, ao chamar a jovem àquele entendimento desastrado, a causa maior de tudo o que aconteceu depois, sem, todavia, conseguir definir isto ao seu coração com maior exatidão.

Então, agora, finalmente recuperada de corpo e de espírito, e nada embora amadurecida num certo sentido, já que o aconselhamento de Merlin lhe ficara marcado indelevelmente no íntimo durante o tratamento recebido anteriormente, nada embora o tenha captado com a audição da alma, ainda assim, não queria entregar-se de corpo e alma a Lancelot sem fazê-lo sofrer um pouquinho mais. Assim, desapareceu de caso pensado por toda a tarde, reclusa nos seus aposentos. E, apenas ao cair da noite, quando o Cavaleiro, sem saber o que mais pensar, já quase desistia de suas buscas infrutíferas pelos recantos de Camelot, de vez que nem Arthur conhecia o paradeiro da irmã, resolveu-se a sair e passear descuidadamente pelos jardins intensamente perfumados do castelo, naquele início de primavera.

Sabia que para se dirigir finalmente aos seus aposentos, ele acabaria tendo que cruzar o seu caminho. O que se confirmou, conforme calculara, a certa hora já tardia da noite após o jantar, ao qual fez questão de não comparecer, alegando a Arthur subterfúgios secundários.

Algo cabisbaixo, exausto de vagar por Camelot há horas, desde o momento do cair da tarde em que Prachna o procurara, o mestre de armas da Távola dirigia de má vontade os passos para aquela área de acesso à ala de hospedagem dos Cavaleiros, quando, surpreendido, deu com aquele vulto delicado de mulher, embuçada com um capuz castanho, passeando tranquilamente por ali, e de quem, de pronto, não tardou a reconhecer a identidade.

- *Alexia!!* – Parou, exclamando, eletrizado.

Apenas lentamente a jovem se voltou, erguendo num ângulo o rosto delicado, somente o suficiente para que a claridade do plenilúnio lhe desvelasse as feições serenas por sob as sombras do capuz penso sobre os seus traços fisionômicos.

Incerto de qual reação depararia, ele tentou conter seu ímpeto, e foi se aproximando – reparando, inseguro, que só conseguia detectar nas feições adoráveis, mas ensombradas, algo que de leve lembrava um sorriso polido.

- *Milord...* – Ela então lhe respondeu, praticamente com um murmúrio, quase inaudível.

Pararam a alguns passos um do outro; e, no primeiro momento, ele não soube bem como se comportar, ou o que dizer.

Mas não sabia fazer diferente, diante dela, de ser sincero, sem dissimulação – coisa que, por outra, Alexia sabia fazer, e bem!

- Eu... – E ele deteve-se, num gesto perdido – *Milady!* Como posso lhe contar o horror que venho vivendo, desde aquele dia infeliz?!... – Replicou, e era visível para a jovem o tanto que o Cavaleiro se via sinceramente emocionado naquele instante de reencontro, após tantos dias amargando incertezas e perguntas sem respostas ao seu respeito. – Só posso pronunciar, para começo, aqui e agora, um pedido de desculpas a mais... que, talvez, julgues, com razão, que não mereço, por tudo que sofreste por minha causa!

Outra pausa tensa, se fez, espontânea, naquele início de diálogo, embora a jovem calculasse cada segundo daqueles intervalos, intimamente sentindo-se embriagada de satisfação, sem demonstrar, tanto por revê-lo, como pelo modo desarmado como o rapaz se desnudava interiormente, sem freios, ali, diante dela.

- Aquilo já passou, Cavaleiro! – Afinal ela resolveu reconforta-lo, cedendo também à compaixão que já sentia pela franca comoção flagrante em cada gesto e palavra que ele lhe dirigia.

Ergueu um pouco mais o rosto alvo, olhando-o, ainda de dentro de certa formalidade sincera; porque, a despeito de toda a sua premeditação, o que prevalecia no seu íntimo era a intensa emoção que inevitavelmente a empolgava toda por estar na sua presença, e aí a jovem inexperiente e apaixonada se sobrepunha à rebeldia do seu temperamento.

Intuindo isso, Lancelot, examinando-a atentamente, e impressionado do tanto de abatimento que ainda se denunciava nas suas feições delicadas, arriscou mais uns passos na sua direção. E, gentilmente, levou-lhe as mãos ao rostinho, acabando de desvela-lo do abrigo do capuz castanho que a protegia da friagem da noite.

- Alexia... – Meneou, penalizado, de modo indisfarçável.

Acariciou-lhe irresistivelmente a pele sedosa das faces, de leve. Vencendo seus receios, e deixando-se conduzir pelo impulso do coração há tanto tempo reprimido, muito cautelosamente, aproximou-se mais, e arriscou-se a atraí-la para si, beijando-lhe a fronte.

Mas, para o seu inebriamento, em nada Alexia reagiu. E, ali, Lancelot pode compreender melhor que Merlin tinha razão no seu aconselhamento: *seja antes um Cavaleiro, do que um marido ou amante disciplinador.*

Bem como também Tristan, ao sugerir-lhe empurrar os assuntos desagradáveis para mais tarde; para quando, afinal, tivessem aparado todas as arestas, e recuperado a confiança mútua.

Alexia repousou-lhe no peito a cabecinha forrada pelos longos e perfumados cabelos cor de trigo, abraçando-o, com certa timidez. Ela chegava a ouvir-lhe as batidas descompassadas do coração, entendendo o tanto que o momento enervava e comovia o guerreiro mais audaz e intrépido de seu poderoso irmão. Demoraram-se assim por vários instantes, como se reiniciassem o seu envolvimento com os pruridos e constrangimentos do início de tudo, havido tantos anos antes. E Lancelot, enfim, se encorajou para dizer algo a mais, murmurando-lhe no ouvido, enquanto a abraçava, estreita e ansiosamente:

- Ouve com atenção uma coisa, *da qual quero que nunca mais te esqueças*, Alexia: *eu te amo!* – Declarou, enfático - E tu és, certamente, *a única e a última mulher* que haverá de ouvir isto de mim, em toda a história tumultuada da minha vida!

Agora e por fim baixando a guarda, entre emocionada e feliz, a moça levantou os olhos para fixá-lo, apaixonadamente.

Gastaram um intervalo atemporal a mais, somente entreolhando-se, e dizendo-se coisas inexprimíveis em palavras, apenas com a linguagem do olhar.

Atraíram-se mais; e, enfim, beijaram-se, com progressiva ardência, na friagem silenciosa da noite e dos jardins perfumados de Camelot, desafogando vários meses de mal entendidos, saudades e ânsias, necessitadas de se esvaírem, para dar lugar à plenitude final do seu envolvimento.

Momentos mais tarde, Lancelot a havia conduzido ao ambiente aconchegante e silente dos seus aposentos particulares, onde, enfim, poderiam dar plena vazão ao seu maior momento amoroso, durante tanto tempo adiado! E, entre as dores e os prazeres de sua primeira noite conjugal, esqueceram-se do tempo, e consumaram aquele tipo de união entre as mencionadas por Merlin *contrapartes de almas*, que apenas raramente se encontram durante os incontáveis enredos tumultuados das vastidões do mundo.

O raiar esplendoroso do dia seguinte veio colher o casal prazerosamente aninhado um de encontro ao outro, por sob os lençóis macios do leito.

Quando Lancelot afinal despertou, surpreendeu-se de que a moça, claramente renovada, de boa disposição, já se achava acordada, abraçada a ele, pensativa.

E logo a interpelou.

- Quais são os seus últimos pensamentos, antes de enfim deixarmos Camelot para o seu novo lar, comigo, em *Joyeuse Gard*, meu amor? Quero muito saber... Pois, hoje mesmo, terei de falar com Arthur! Quero que o nosso casamento seja celebrado na data mais breve possível! – Declarou, acariciando-lhe os braços desnudos e sedosos, e beijando-a com ternura, a título de cumprimento matinal.

Novamente, porém, Alexia tinha a capacidade de surpreendê-lo.

- Lancelot... *milord*, meu Cavaleiro!... – Replicou - Conheço-te, e sei que, nada embora nem tão cedo te encorajarás para tocar novamente nestes assuntos comigo, uma última dúvida ainda te corrói o íntimo, em relação a um episódio obscuro que certa vez me relatou, mas ao qual, naquele dia, de caso pensado não dei a devida atenção!

O Cavaleiro serenou o ânimo, cauteloso, e ainda ali recordando as recomendações de Merlin.

Não obstante, no mesmo instante em que a ouviu, adivinhou a que ela se referia. E, no instante seguinte, ante o seu silêncio de assentimento, ela prosseguiu e o confirmou:

- Sei que te intriga o episódio de uma mulher decrépita que te encurralou há muito tempo, numa taberna de estrada, quando retornavas de uma missão junto a Tristan e Galahad! Ela te pronunciou palavras incompreensíveis, que hoje sei que te impressionaram tão-somente por terem guardado certa semelhança com o desentendimento que tivemos, antes que partisse daqui, naquela viagem!

Lancelot agora a esquadrihava, verdadeiramente admirado.

Apesar de julgar necessário aquele diálogo, que enfim e talvez deslindaria o último dos motivos que ultimamente lhe provocavam maior desassossego, não entendia como, ali, ela anteciparia explicações que julgava que ele era quem haveria de mencionar!

- Sim, mas... como entraste no conhecimento destes pormenores, Alexia?! Algum dos Cavaleiros conversou a respeito contigo, posteriormente ao nosso retorno?

Deu-se uma pausa estranha no diálogo, apesar de tudo travado no prazeroso tom enamorado com que agora se dirigiam um ao outro. Todavia, a resposta de Alexia novamente o surpreenderia; e, desta vez, ao ponto de lança-lo em profundo quanto inevitável estado de aturdimento.

- Aquela mulher decrépita, a quem julgaste tão mal de início, era *Viviane**, Lancelot! *Tua mãe!*... O guerreiro quase salta do leito, num ímpeto, ofegante.

- Que dizes, Alexia?! Ainda deliras?! Não te recuperaste inteiramente?! Que te leva a proferir esta declaração destituída de senso?!...

Mas a jovem, carinhosa, o atraiu de volta e, com carícias e beijos, o acalmou o suficiente para ouvir.

- Ela me apareceu, e confidenciou isto tudo, há alguns dias! Mas não quis me revelar o motivo de te dizer aquelas palavras enigmáticas, para além de me explicar que se via prazerosa por ver-te, enfim, liberto da *ameaça da saxã*, como definiu Guinevere! Viviane queria te reaproximar de mim, Lancelot, o que muito me enaideceu e felicitou! – Ela explicou, parando para beijá-lo apaixonadamente na boca, durante um momento. E continuou – Este era um assunto melindroso para abordar contigo, encolerizada como andei pelas razões que bem sabes, e eu deveria aguardar o momento certo – aqui, agora, quando afinal fizemos definitivamente as pazes! Lancelot... – Alexia sorriu-lhe, adoravelmente – *Milord*, e meu Cavaleiro! – Replicou, agora delicadamente, o olhar molhado de lágrimas atestando ao rapaz a sua sinceridade, ao enfim revelar aquelas coisas – Quando, sem de fato saber que o fazia, eu repeti para ti justamente as palavras que a anciã pronunciou naquela noite misteriosa, que tanto te molestou até hoje, era Viviane quem o fazia por mim, sem a minha intervenção! Tudo atendia a um propósito, a teu favor! Tua mãe andava afrontada, ao acompanhar-te o curso da vida, e ver a tua proximidade, embora tenha sido fugaz, daquela a quem até hoje ela abomina, por ter desviado Arthur do juramento que não cumpriu, ao abandonar o seu propósito de defender nossa tradição religiosa para firmar consórcio com aquela mulher de postura dúbia! E eis uma das razões, Lancelot, porque também eu sempre detestei Guinevere!

Mas, a isso, a fisionomia do Cavaleiro revestiu-se de uma feição entre irônica e terna, e ele levou-lhe uma das mãos aos longos cabelos trigueiros, espalhados adoravelmente pelas espáduas, afagando-os.

- Alexia... tu detestas Guinevere, a bem da verdade, porque...

- *Por favor!* – Ela, a isso, advertiu, o olhar azulíneo relampejando, com amuada advertência, para o outro, que meneou, sorrindo, mas conteve a tempo o comentário inoportuno que já faria, preferindo desviar o rumo do assunto para a última dúvida que lhe restava quanto àquele fato profundamente intrigante.

- E que quis dizer minha mãe... então... ao vaticinar, com palavras tão tristes, o nosso futuro? – Quis saber, ainda preocupado – Dizendo que *meu destino está selado, e se passarão dezesseis séculos sem que eu te veja?*!

A esta pergunta, todavia, e ainda naquele instante surpreendendo-o com as suas reações, Alexia silenciou, e apenas se entreolharam.

Seus lindos olhos azuis se umedeceram. E para aquele mistério, nem mesmo ela pôde oferecer maiores explicações, para cuja solução Viviane se mantivera silente.

Ela aninhou-se novamente nos braços carinhosos do mestre de armas, que a estreitou, ardorosamente. E somente lágrimas inexplicáveis escorreram, intuitivamente, de seu olhar enevoado, no silêncio reconfortante do quarto onde enfim usufruíam plenamente do calor de seus corpos e do seu profundo amor mútuo.

Só a própria Alexia conhecia a fundo as razões maiores por detrás daquele enigma.

Então preferiram, em tácito acordo, encerrar o assunto. Viver apaixonadamente aquele momento, a nova e feliz fase da vida que os aguardaria em *Joyeuse Gard*. E reservar a solução dos enigmas indecifráveis do futuro ao que o destino, talvez misericordioso, haveria de lhes designar.

FIM

**Viviane, a fada, segundo a tradição das lendas, mãe adotiva de Lancelot.*



